



Giranda Barroca

PROJETO DE MINISSÉRIE
E LONGA-METRAGEM POR
GERALDO SANTOS PEREIRA

À REDE GLOBO DE TELEVISÃO

Belo Horizonte, 2 de dezembro de 1999

À Rede Globo de Televisão
At. de Mário Lúcio Brandão
Rio de Janeiro.

Prezado Mário Lúcio:

Algum tempo atrás o Carlos Vereza, amigo e admirável ator de meu filme "O Aleijadinho - Paixão, Glória e Suplício", em fase de finalização, entregou ao Carlos Manga proposta de minissérie baseada em antigo projeto, Ciranda Barroca, com cinco episódios ambientados em Diamantina, Serro, São João del Rei, Mariana e Ouro Preto.

Informado de que o Manga, companheiro de batalhas cinematográficas, foi deslocado para a linha de "shows" da Globo, encaminho a você, por gentil intermédio da Mildred, o material, refundido e ampliado, deste projeto inspirado, anos atrás, por uma belíssima cama estilo Maria I, na qual, segundo fui informado, ocorreu, no antigo Arraial do Tijuco, uma tragédia, base central de "Ciranda Barroca".

Peço ao estimado amigo, figura proeminente da cúpula da Rede Globo, a gentileza de encaminhar este projeto à pessoa que, eventualmente, substituirá o Carlos Manga na coordenação das minisséries. Acho que você, como bom mineiro, saberá avaliar o interesse deste projeto que abrange o universo barroco-colonial de Minas e possui elementos capazes de atrair boa audiência.

Além da minissérie, acredito que também se possa realizar, com o material filmado, um longa-metragem, cujo projeto eu poderia propor à Globo Filmes, se você julgar conveniente.

O projeto, agora em suas mãos, apresenta esquema de produção, sinopse, análise técnica preliminar, com indicação de personagens e intérpretes cogitados, justificativa, currículo e, finalmente, documentação.

Como resido em Belo Horizonte, o projeto de "Ciranda Barroca" poderia, eventualmente, ser realizado em co-produção com minha empresa, "G. Minas Produções Audiovisuais", "Filmes do Vale", do cineasta e grande amigo Paulo Leite Soares, e a "Alterosa Cinevídeo", do grupo "Diários Associados", que possui equipamentos e na qual estou editando "O Aleijadinho", pelo processo AVID.

Aí está, prezado Mário Lúcio, minha proposta que consubstancia um velho e sonhado projeto que também, como "O Aleijadinho", é tributo de amor à nossa terra natal. Espero, por volta de março/abril, convidá-lo para a pré-estreia de meu sexto filme de longa-metragem, aí no Rio, em Ouro Preto ou Belo Horizonte.

Abraça-o, com estima, agradecimentos e admiração, o

Geraldo Santos Pereira.

Rua Pompéia, 39 ap. 01 - Prado
CEP 30410-130 - Telefax 371-460
Belo Horizonte

CIRANDA BARROCA

ESQUEMA DA MINISSÉRIE E DO LONGA-METRAGEM

O projeto de CIRANDA BARROCA abrange, como se lerá, cinco episódios ambientados em cinco épocas e cidades históricas de Minas Gerais: Arraial do Tijuco (Diamantina), com ação ambientada no ano de 1782; Vila do Príncipe (Serro), 1830; São João del Rei, 1880; Mariana, 1935, e Ouro Preto, atualidade.

Cada episódio terá a duração normal de 45 minutos, reservando-se 15 minutos para inserção de comerciais dos patrocinadores. O material filmado, seria selecionado e editado para a metragem normal de um longa-metragem em 35 milímetros.

Tanto a minissérie, como o filme de longa-metragem, poderiam ser realizados em película ótica, 35 milímetros, ou Super 16, com posterior telecinagem para televisão.

CAPTAÇÃO DE RECURSOS

A Lei do Audiovisual, como se sabe, exige a contratação de empresa financeira para a captação de recursos, registro na Comissão de Valores Mobiliários e emissão de Certificados de Investimento.

A Rede Globo, naturalmente, possui esquema próprio de financiamento e, através da Globo Filmes, de captação de recursos para projetos próprios, ou terceirizados.

Neste sentido, devemos informar que estamos encaminhando o projeto de CIRANDA BARROCA ao Ministério da Cultura, com vistas à referida Lei do Audiovisual. Isto significa que será possível utilizar a declaração do Imposto de Renda, ainda neste ano fiscal de 1999, para fins de dedução dos 3% do IR devido por pessoas físicas e jurídicas, dedução esta obtida através de Cartas de Intenção, autorizadas por aquela lei, posteriormente substituídas por Certificados de Investimento, quando da aprovação do projeto pelo MinC e Comissão de Valores Mobiliários.

LOCAÇÕES

CIRANDA BARROCA poderá ser realizada em apenas três das cinco cidades nas quais a ação se ambientará: Diamantina (englobando Serro, pela proximidade e possibilidades de centralização urbana e arquitetônica; São João

João del Rei e, finalmente, Ouro Preto (englobando Mariana, pelos mesmos motivos referentes a Diamantina).

PERSPECTIVAS DE "MERCHANDISING"

Nos episódios ambientados nas cidades de Mariana e Ouro Preto o desenvolvimento da ação possibilita um excelente trabalho de "merchandising".

Em Mariana, com ação decorrente no ano de 1935, com seqüências ambientadas em uma farmácia, cartazes com propaganda de remédios populares naquele ano, e até hoje, como "Cafiaspirina", "Cera do Doutor Lustosa", "Calcigenol", etc., e, da mesma forma, com cenas realizadas em um botequim, acreditamos que também se possa obter "merchandising" de produtos de consumo naquela época.

Com relação a Ouro Preto, na atualidade, as perspectivas de "merchandising" são bem maiores, já que naquela cidade serão utilizados diversos interiores e exteriores, onde seria afixado material de publicidade.

Através do personagem principal do último episódio, o engenheiro Paulo Roberto, jovem, moderno e atualizado, cresceriam, naturalmente, as possibilidades de um apreciável trabalho de "merchandising", principalmente com relação à aparelhagem de som que ele exibe, e cuja marca poderia ser focalizada pela câmera, além do automóvel, com modelo do ano, no qual chega a Ouro Preto e circula pela cidade, recomendando-se contatos com as montadoras que operam no Brasil: FIAT, VOLKSWAGEN, FORD, GENERAL MOTORS, TOYOTA, RENAULT, CITROEN, etc. etc.

Com relação à personagem de Vera Lúcia, estudante de música, "merchandising", igualmente, poderá ser negociada com fábrica nacional ou estrangeira de piano.

Recomenda-se, neste sentido, uma forte promoção das vantagens e benefícios da Lei do Audiovisual, através da distribuição de matérias e folhetos explicativos, enfatizando-se as perspectivas atuais do cinema brasileiro e sua distribuição no país e no exterior.

5

CIRANDA BARROCA

ANÁLISE TÉCNICA PRELIMINAR

1. PERSONAGENS E INTÉRPRETES COGITADOS

PRIMEIRO EPISÓDIO

ARRAIAL DO TIJUCO (DIAMANTINA - 1782)

PERSONAGENS PRINCIPAIS

1. INTENDENTE DOS DIAMANTES JOSÉ ANTÔNIO DE REZENDE
FREIRE (ENTRE 45 e 55 ANOS DE IDADE):

Intérpretes cogitados para escolha:

1. Carlos Vereza;
2. Antônio Fagundes;
3. Edwin Luisi;
4. Herson Capri;
5. Raul Cortez
6. Antônio Naddeo;
7. Cláudio Marzo;
8. Paulo Betti.

2. FISCAL DA INTENDÊNCIA PEDROSO DE ALMEIDA (45 ANOS
IDADE)

Intérpretes cogitados:

1. José Mayer;
2. Tony Ramos;
3. Paulo José;
4. Reginaldo Farias.

6

3. ELVIRA (MORENA, JOVEM, MUITO BONITA, ENTRE 20 E 25 ANOS DE IDADE)

Intérpretes cogitadas:

1. Malu Mader;
2. Maria Fernanda Cândido ("Paola");
3. Érica Samara;
4. Priscila Fantini
5. Carolina Kasting
6. Patrícia Pilar
7. Andrea Beltrão
8. Cristiana de Oliveira.

4. OROZIMBO (GARIMPEIRO, MORENO, ENTRE 30 e 35 ANOS)

Intérpretes cogitados:

1. Buza Ferraz;
2. Antônio Fragoso;
3. Vinicius Marques;
4. Oscar Magrini;
6. Eri Johnson.

5. CAPITÃO FONSECA (55 ANOS DE IDADE)

Intérpretes cogitados:

1. Nelson Dantas;
2. Emanuel Cavalcanti;
3. Emiliano Queiroz;
4. Breno Fonseca
5. Ivan Cândido.
6. Stepan Nercessian
7. Francisco Milani.

COADJUVANTES

1. SIMEÃO PEDROSO (CARPINTEIRO, 50 ANOS DE IDADE)
2. ALFERES LOBO E MELO (38 ANOS);
3. MÃE DE ELVIRA (40 ANOS);

4. PADRE SAYÃO (60 ANOS);
5. RAIMUNDO (MUNDINHO) - Primeira fase: 10 anos
6. RAIMUNDO (MUNDINHO) - Segunda fase: 16 anos.

FIGURANTES

1. Soldados de Pedestres da Extração;
2. Garimpeiros;
3. Moradores do Arraial do Tijuco (brancos e pretos);
4. Criados, mucamas e escravos negros;
5. Carpinteiros, artífices e operários de oficina de carpintaria;
6. Seresteiros com instrumentos musicais;
7. Guardas a cavalo;
8. Populares e transeuntes.

3. AMBIENTES - EXTERIORES

1. Serra do Espinhaço;
2. Garimpo na serra (imediações de Diamantina);
3. Caminho para o Arraial do Tijuco;
4. Entrada da Intendência dos Diamantes;
5. Proximidades da oficina de Simeão Pedroso;
6. Galpão e oficina do carpinteiro Simeão Pedroso;
7. Caminho para a Chácara do Rio Manso (mãe de Elvira);
8. Casebre no caminho para a chácara;
9. Caminho de terra (proximidades da mata do enforcamento);
10. Mata fechada (local do enforcamento);
11. Campo aberto (homem a cavalo);
12. Caminho de terra para Vila Rica (Serra do Espinhaço);
13. Praça fronteira à casa do Intendente Freire.

4. AMBIENTES - INTERIORES

1. Gabinete do Intendente dos Diamantes;
2. Sala do Fiscal e Cofre da Intendência;
3. Oficina de carpintaria de Simeão Pedroso;
4. Residência do Intendente Rezende Freire;
5. Casebre perto da Chácara do Rio Manso;
6. Masmorra da Intendência;
7. Nova e luxuosa residência e mobiliário do Intendente Freire.

5. ICONOGRAFIA, MÓVEIS E DECORAÇÃO

1. Reconstituição de garimpo, extração e lavagem de ouro, diamante e jazidas diversas do século XVIII (Diamantina);
2. Masmorra do século XVIII;
3. Repartição colonial (Intendência dos Diamantes): móveis, quadros, objetos de escrituração, cofre e instalações diversas;
4. Recepção e jantar em casa do século XVIII (residência do Intendente Freire);
5. Oficina de carpintaria do século XVIII (instrumentos antigos de trabalho, corte, talha, lustração, vestuário, etc.);
6. Seresta antiga (instrumentos musicais, canções, vestuário, etc.);
7. Tropa de Pedestres da Extração (uniformes, arreios, adereços, etc.);
8. Móveis do século XVIII, estilo Maria I: leitos, silhão, mesinha, contador português com 9 gavetas, guarda-roupa, cadeiras, sofás, etc.;
9. Cortinas, objetos de decoração, oratórios, vasos com flores, louça, garfos e facas, colheres, etc.;
10. Cama de casal luxuosamente trabalhada, com docéis, cortinado, em puro e autêntico estilo Maria I.

6. FIGURINOS

1. A indumentária do primeiro episódio (1782) deverá contar com peças luxuosas, normais e pobres, adequadas, evidentemente, àquela época histórica.

Os figurinos desenhados e executados por Raul Belém Machado para o filme "O Aleijadinho" são de propriedade da empresa produtora de Geraldo Santos Pereira, "Vila Rica Cinematográfica Ltda.", estão perfeitamente conservadas e, mediante alguns ajustes, poderão servir para os personagens do primeiro episódio de "Ciranda Barroca".

Da mesma forma, diversos figurinos de "O Aleijadinho" poderão ser adaptados para alguns personagens do segundo episódio, ambientado no Serro (ano de 1830).

SEGUNDO EPISÓDIO

SERRO FRIO (SERRO, 1830)

PERSONAGENS PRINCIPAIS

1. HONÓRIO DE REZENDE FREIRE (50 ANOS DE IDADE)

Intérpretes cogitados:

1. Carlos Vereza;
2. Edwin Luisi;
3. Herson Capri;
4. Mauro Mendonça;
5. Tônico Pereira;
6. José de Abreu
7. Othon Bastos;
8. Antônio Naddeo;
9. Paulo Betti;
10. Paulo Goulard.

2. ERNESTINA DE REZENDE FREIRE (GORDA, 45 ANOS)

1. Cláudia Gimenez;
2. Teuda Bara (Grupo Galpão).

3. SEBASTIÃO DE FIGUEIREDO MENDONÇA (48 ANOS)

1. Nildo Parente;
2. Emiliano Queiroz;
3. Stepan Nercesian;
4. Nelson Dantas;
5. Reginaldo Farias.

4. LUZIA (AMANTE DE HONÓRIO - 35 ANOS DE IDADE)

1. Marília Pera

2. Maria Padilha;
3. Suzana Vieira;
4. Denise Bandeira;
5. Betty Faria;
6. Cláudia Abreu.

2. COADJUVANTES

1. Alferes Miguel Lins (40 anos);
2. Cabo Evaristo (36 anos);
3. Jornalista Freitas Romano (50 anos);
4. Jornalista Miro Tojal (42 anos);
5. João de Brito (65 anos);
6. Morador gordo (55 anos).
7. Barão de Cantuária (60 anos);
8. Padre Teófilo (66 anos);
9. Maria Eugênia - Criança: 5/6 anos de idade.

3. FIGURANTES

1. Guardas da Milícia;
2. Tropeiros e escravos;
3. Moradores de Serro Frio;
4. Mendigos;
5. Comerciantes e sitiantes;
6. Crianças e adultos famintos;
7. Empregados do empório de Honório;
8. Redatores e gráficos do jornal "Tribuna do Serro";
9. Escravos, criados e mucamas;
10. Soldados do destacamento policial (século XIX).

4. AMBIENTES - EXTERIORES

1. Caminho para a Vila do Príncipe (Serra do Espinhaço);
2. Proximidades do Serro Frio (Serro);
3. Ruas do Serro Frio (opções: Serro, Diamantina, Tiradentes);
4. Praça e empório comercial de Honório;
5. Rua do jornal "Tribuna do Serro";

6. Locais diversos do Serro Frio;
7. Casa afastada de Sebastião Mendonça e Luiza.

4. AMBIENTES - INTERIORES

1. Empório comercial de Honório (reconstituição em estúdio?);
2. Residência de Honório e Ernestina (idem?);
3. Redação do jornal "Tribuna do Serro" (idem?);
4. Entrada da residência de Sebastião e Luiza.

5. ICONOGRAFIA, MÓVEIS E DECORAÇÃO

1. Empório comercial de Honório: alimentos, com embalagem de época, roupa, objetos de uso doméstico, louça, cozinha, etc.
Referência: século XIX, ano de 1830;
2. Residência de luxo, século XIX;
3. Redação e gráfica de época;
4. Carroças, charretes, cavalos com adereços de época, etc.
5. Vendedores com bugigangas de época;
6. Escravos apregoando quinquilharias;
7. Armas de fogo, punhais e facas de época;
8. Doces, comidas e guloseimas de época;
9. Cortinas, quadros e pinturas de época;
10. Vestuário masculino e feminino de época.

TERCEIRO EPISÓDIO

SÃO JOÃO DEL REI, 1880

1. PERSONAGENS PRINCIPAIS

1. JOSÉ MANUEL DA SILVA ALENCASTRO (35 a 40 ANOS)

Intérpretes cogitado

1. Paulo Betti;
2. Felipe Camargo;
3. Selton Mello;
4. Murilo Benício;
5. Matheus Nachegarle;
6. Marcelo Antony

2. BÁRBARA ISABEL FREIRE DE SOUZA (30 ANOS DE IDADE)

1. Malu Mader;
2. Patrícia Pilar;
3. Ana Paula Arosio;
4. Maria Fernanda Cândido;
5. Fernanda Torres;
6. Maitê Proença.
7. Flávia Monteiro.

3. JORGE SILVINO DOS REIS (45 ANOS DE IDADE)

1. Edwin Luisi;
2. Humberto Martins;
3. Tonico Pereira;
4. Luiz Carlos Vasconcelos
5. Matheus Nachetergale.

4. TOMAZ PEIXOTO DE SOUZA (50 ANOS DE IDADE)

1. Raul Cortez.

2. COADJUVANTES

1. Deputado Vilas Boas da Gama (50/60 anos de idade);
2. Dona Inês - Mulher do Deputado (48 anos);
3. Boanerges - Carpinteiro (50 anos);
4. Hortência (40 anos);
5. Jornalista Epaminondas Silveira (45 anos).

3. AMBIENTES - EXTERIORES

1. Rua e Igreja de Santo Antônio (Tiradentes)
2. Estação ferroviária de Tiradentes, com locomotiva "Maria Fumaça";
3. Estação ferroviária de São João del Rei (ídem);
4. Imediações de Tiradentes e São João del Rei (paisagem vista do trem);
5. Praça da Igreja de São Francisco de Assis;
6. Rua antiga para o "Clube Republicano Tiradentes";
7. Ruas, praças e vielas antigas de São João del Rei;
8. Solar da família Alencastro;
9. Casa de Tomaz Peixoto.

4. AMBIENTES - INTERIORES

1. Igreja de Santo Antônio (Tiradentes);
2. Carro de passageiros da composição puxada pela "Maria Fumaça";
3. Solar dos Alencastros;
4. Casa de Tomaz Peixoto;
5. Casa do Deputado Vilas Boas da Gama;
6. Sala de reuniões do "Clube Republicano Tiradentes";
7. Estação ferroviária de São João del Rei com composição completa.

4. ICONOGRAFIA, MÓVEIS E DECORAÇÃO

1. Reconstituição da estação ferroviária em ;
2. Interior de igreja em 1880 para celebração de casamento;
3. Interior de carro de passageiros de trem-de-ferro, em 1880;
4. Interior do solar da família Alencastro: quartos e escritório;
5. Salão para festa de aniversário, com piano de época;
6. Sala de visitas com retrato a óleo do Imperador D. Pedro II;
7. Móveis, quadros, cortinas, objetos decorativos e de uso em 1880.

QUARTO EPISÓDIO

MARIANA - 1935

1. PERSONAGENS PRINCIPAIS

1. DAMASCENO FREIRE DA SILVA ALENCASTRO (55 a 60 ANOS DE IDADE)

Intérpretes cogitados

1. Carlos Vereza;
2. Edwin Luisi;
3. Paulo Betti;
4. Ney Latorraca;
5. Tarcísio Meira;
6. Mauro Mendonça;
7. Herson Capri.
8. Paulo José.

2. CELESTE (20 a 25 ANOS DE IDADE)

1. Cláudia Abreu;
2. Cristiana Oliveira;
3. Ana Paula Arosio;
4. Giulia Gamm;
5. Andrea Beltrão;
6. Flávia Monteiro.

3. ELISA (25 a 30 ANOS DE IDADE)

1. Maria Fernanda Cândido;
2. Carolina Kasting;
3. Andrea Beltrão;
4. Maité Proença;
5. Patrícia Pillar.
6. Cláudia Raia.
7. Priscila Fantin.

4. JESUÍNO (50 ANOS DE IDADE)

1. Gracindo Junior;
2. Nelson Xavier;
3. Stênio Garcia;
3. Tonico Pereira;
4. Pedro Paulo Rangel.

2. COADJUVANTES

1. Maria do Carmo (45 anos);
2. Afonsinho - Filho de Damasceno (8 anos);
3. Velha ossuda (70 anos);
4. Agripino (30 anos);
5. Padre celebrante (60 anos);
6. Mulato pernóstico (45 anos).

3. FIGURANTES

1. Moradores de Mariana;
2. Fregueses da farmácia (homens e mulheres);
3. Freqüentadores de botequim;
4. Convidados do casamento de Damasceno e Celeste;
5. Passageiros e funcionários da estação ferroviária de Mariana;
6. Participantes de pic-nic na Cachoeira das Andorinhas.

4. AMBIENTES - EXTERIORES

1. Rua Direita com farmácia;
2. Ponte de madeira;
3. Ruas, ladeiras e vielas de Mariana (parte tombada);
4. Torres e sinos de igrejas;
5. Serra e Cachoeira das Andorinhas;
6. Praça e Igreja da Sé;
7. Rua e praça com jardim;
8. Residência de Damasceno nas Mercês;
9. Jardim antigo da residência de Damasceno;

10. Estação Ferroviária de Mariana, com trem "Maria Fumaça";
11. Rua das Mercês.

5. AMBIENTES - INTERIORES

1. Residência de Damasceno;
2. Botequim de Mariana;
3. "Pharmacia Central" na Rua Direita;
4. Casa de Dona Marieta com cozinha de fogão a lenha;
5. Igreja das Mercês (cerimônia de casamento);
6. Plataforma da estação ferroviária de Mariana.

6. ICONOGRAFIA, MÓVEIS E DECORAÇÃO

1. Reconstituição de velha farmácia mineira (1935), com propaganda de remédios de época;
2. Reconstituição de botequim de época (1935), com propaganda de bebidas e produtos de consumo da época;
3. Estação da estrada de ferro, com locomotiva "Maria Fumaça", malas, carregadores, sinalizadores, chefe da estação com uniforme de época, etc.
4. Decoração de igreja para cerimônia de casamento em 1935;
5. Automóveis de época;
6. Recepção após casamento: "buffet", garçons, pratos, bebidas, etc.
7. Cozinha a lenha e comida típica em casa de Dona Marieta;
8. Remédios, etiquetas, bulas e instrumentos de manipulação de farmácia antiga.

QUINTO EPISÓDIO

OURO PRETO - ATUALIDADE

1. PERSONAGENS PRINCIPAIS

1. PAULO ROBERTO DE ALMEIDA CINTRA (ENGENHEIRO, 30 ANOS DE IDADE).

Intérpretes cogitados

1. Marcos Palmeira;
2. Elton Mello;
3. Felipe Camargo;
4. Fábio Assunção;
5. Thiago Lacerda;
6. Alexandre Borges;
7. Oscar Magrini;
8. Marcelo Antony.

2. VERA LÚCIA (LOURA, MUITO BONITA, 20 A 25 ANOS DE IDADE).

1. Ana Paula Arosio;
2. Cláudia Abreu;
3. Andrea Beltrão;
4. Flávia Monteiro;
5. Guilhermina Guinle.

3. ADROALDO QUINTÃO (25 ANOS DE IDADE, MEIO GORDO)

- 1.
- 2.
- 3.

4. DONA OLGA (60, 65 ANOS DE IDADE).

3. Natália Thimberg.

2. COADJUVANTES

1. Willian Thompson - Americano (50 anos);
2. Raquel (25 anos).

3. FIGURANTES

1. Operários e funcionários da fábrica da Alcan, em Saramenha;
2. Estudantes e moradores de Ouro Preto;
3. Convidados para festa de aniversário em boate típica;
4. Moradores de "repúblicas" de estudantes;
5. Transeuntes, populares, soldados, camelôs, guias de turismo, etc.

4. AMBIENTES - EXTERIORES

1. Trevo de Ouro Preto e estrada de contorno para Mariana;
2. Estrada para a fábrica da Alcan;
3. Proximidades para a fábrica da Alcan;
4. Exteriores da fábrica da Alcan;
5. Ruas, praças e ladeiras de Ouro Preto;
6. Rua Costa Sena a Igreja do Carmo;
7. "República" de Paulo Roberto e Adroaldo Quintão;
8. Sobrado-residência de Vera Lúcia e Dona Olga;
9. Proximidades da capela de Padre Faria;
10. Chácara com jardim e casa maltratada.

4. AMBIENTES - INTERIORES

1. Diretoria e parte administrativa da fábrica da Alcan;
2. Interiores da "república" de Paulo Roberto e Adroaldo Quintão;
3. Residência de Vera Lúcia e Dona Olga;
4. Interiores da casa abandonada com jardim (sala, quartos, etc.);
5. Boate típica de Ouro Preto ("Calabouço?").

5. ICONOGRAFIA, MÓVEIS E DECORAÇÃO

1. Fotos e documentos da Escola de Minas e Metalurgia;
2. Sala de visitas da Casa de Vera Lúcia, com quadros, retratos,

cortinas, móveis antigos, piano, etc.;

3. Caixinha de música antiga;
4. Aparelho de som estereofônico completo e atualizado;
5. Fitas, discos e CDs de música americana e brasileira atual;
6. CD com os "Prelúdios" de Chopin, por Arthur Rubinstein;
7. Carro nacional do ano.

CIRANDA BARROCA

JUSTIFICATIVA

Uma das mais importantes vertentes temáticas de Minas Gerais, como se sabe, é a que abrange o conjunto histórico das cidades onde floresceu, no século XVIII, o barroco-colonial mineiro.

A fascinante temática das velhas cidades históricas - Ouro Preto, Mariana, Diamantina, São João del Rei, Serro, Sabará, Congonhas do Campo, etc., vem tendo constante aproveitamento em literatura, filmes, vídeo, televisão, teatro, balé, etc.

Este o caso de "O Aleijadinho - Paixão, Glória e Suplício", que, concluídas as filmagens, estamos editando, pelo sistema AVID, na empresa Alterosa Cinevídeo.

O projeto de CIRANDA BARROCA, atualmente em planejamento e elaboração, integra-se, desta forma, neste universo criativo de obras que exaltam e divulgam o admirável acervo barroco-colonial mineiro, o mesmo que, recentemente, foi tese de doutorado de eminente professora de História da Arte da Universidade de Strasbourg, considerando o patrimônio cultural de Minas, no século XVIII, admirável formador do que chamou "terceira civilização," surgida no continente americano (as outras duas referem-se aos Maias/Aztecas, na América do Norte e Centro, e aos Incas, na América do Sul).

A ação dramática de CIRANDA BARROCA poderia definir-se como o equilíbrio da realidade com a mitologia, fazendo emergir do outrora opulento hemisfério barroco-colonial de Minas uma temática de forte substância humana, social, econômica e cultural.

O entrecho do filme abrange cronologicamente cinco períodos, ambientados nas cidades de Diamantina, Serro, São João del Rei, Mariana e Ouro Preto, utilizando, como elemento dramático de ligação e enfoque central, um primoroso leito fabricado no século dezoito no antigo Arraial do Tijuco, móvel esse herdado por descendentes de um poderoso Intendente dos Diamantes, causador de crime atroz que vitimou um homem inocente, o Fiscal da Intendência, Fernando Pedroso de Almeida.

Em cada período, e em cada cidade, eclodem acontecimentos que, de forma parafrásica, ou alegórica, mantêm correlação com fatos da história local, reproduzidos com suas características essenciais.

Em Diamantina, no antigo Arraial do Tijuco, sobressaem a riqueza, a ambição, a rebeldia, as ardentes paixões provocadas pela atividade da mineração.

No Serro Frio, para onde, no segundo episódio, a ação se transfere, ganham destaque o entrelhecho político, a veemência dos antagonismos, o liberalismo revolucionário de Teófilo Ottoni, instigando a revolta popular, levando-a a sangrento desfecho.

Em São João del Rei, "décor" do terceiro episódio, avulta a sombra patética de Alvarenga Peixoto e Bárbara Heliodora, sua grande paixão, seu triste e pungente destino. E na velha cidade o escorço político se ampara em fatos da Inconfidência Mineira, avançados de um século e ambientados nos agitados anos da Abolição e queda da Monarquia.

Em Mariana, por sua vez, revive-se a lembrança de outro grande e desditoso poeta, Alphonsus de Guimaraens, tão integrado na paisagem solitária da "cidade episcopal que dorme no seio branco das litanias".

Em Ouro Preto, finalmente, local do quinto e último episódio, a ciranda se conclui com os dois últimos descendentes do Intendente Rezende Freire e Fiscal Pedroso de Almeida, - Vera Lúcia e Paulo Roberto - ambos profundamente atingidos pelo fascínio do velho leito fabricado no Tijuco.

De 1782 aos dias atuais, espaço de tempo abrangido pela ação do filme, a ciranda de paixão e morte arrasta personagens e conflitos para um mesmo eixo central: o destino fatalizante do homem, seus antagonismos e contradições, formando a metáfora da alma e do ardente coração humano, erguida entre gritos e traições, glória e desdita, emoldurados pela paisagem de beleza inigualável das velhas cidades mineiras.

De dramas e tragédias, perpetuadas no altiplano de Minas, ergue-se uma angústia que se projeta no tempo e no espaço, levando o eco estupefativo de um grito a invadir a amplidão, ferir a distância como um sino, eternizar-se em sangue e granito, recolher pedaços e restos do infinito e compor um todo arquejante e atormentado.

Ciranda atávica e obsessiva, nutre-se da seiva da piedade, súplicas e delações, traições, poder, miséria e sofrimento. Suas imagens parecem fendidas por luz e sombras que lhes conservam a emoção e inspiram o imaginário.

Quando, afinal, no último episódio, o ciranda se imobiliza e a maldição se completa, as tristes lembranças dissolvem-se nas montanhas, conduzidas pelo som plangente dos sinos.

C I R A N D A B A R R O C AS i n o p s e

1. A ação dramática de CIRANDA BARROCA abrange cronologicamente cinco etapas, ou períodos, que vão de 1782 aos nossos dias, tendo como elemento de ligação um primoroso leito, estilo Maria I, fabricado no século dezoito no antigo Arraial do Tejuco, atual cidade de Diamantina. O móvel, de grande beleza e talha admirável, fora feito com a madeira de uma árvore na qual morrera enforcado um funcionário da Intendência dos Diamantes, acusado de furto que não cometera.

Em todos os períodos e nas cinco cidades em que a ação se realiza - Diamantina, Serro, São João del Rei, Mariana e Ouro Preto - eclodem acontecimentos que, de forma parafrásica, ou alegórica, mantêm correlação histórica com aquelas fascinantes cidades do barroco-colonial mineiro.

CIRANDA BARROCA não é, contudo, um filme histórico, mas obra de ficção, atento à diversidade temática que põe em imagens, atos e conflitos humanos e lhes confere específico tratamento cinematográfico.

O filme, em síntese, pretende enfatizar que, do vasto e outrora opulento hemisfério barroco-colonial de Minas, emerge uma mitologia de forte conteúdo dramático, fiel às características essenciais dos locais onde se desenvolve.

No período inicial, ambientado, em 1782, no lendário Arraial do Tejuco, destacam-se a riqueza, a opressão, a traição, a rebeldia, as ardentes paixões provocadas pela atividade da mineração e a luta de libertação da colônia.

No Arraial do Tejuco a ação se impulsiona com a punição extrema que o Intendente dos Diamantes, José Antônio de Rezende Freire, aplica num servidor da repartição, acusado do furto de pedras preciosas prontas para remessa a Lisboa.

Condenado à morte por enforcamento, o servidor, Fiscal Pedroso de Almeida, lança, antes de expirar, terrível maldição sobre o Intendente e seus descendentes, reafirmando a inocência que, posteriormente, se confirmaria com a descoberta do verdadeiro culpado, a própria esposa do Intendente, Elvira, amante de um garimpeiro e aliada dos brasileiros no movimento de emancipação.

O Intendente e Elvira acabam tendo um fim trágico, assassinados no belíssimo leito conjugal fabricado por um carpinteiro português, irmão do funcionário enforcado.

Após o enterro do casal, seguiu para a Vila do Príncipe, atual cidade do Serro, o filho único de Elvira e Rezende Freire, Honório, acolhido por parentes naquela cidade. E para lá, descendo a Serra do Espinhaço, também seguiram os ricos móveis que guarneciam a casa do Intendente, inclusive o belo leito Maria I.

2. Na decadente Vila do Príncipe avultavam, por volta de 1830, a depauperação popular, a miséria, a revolta, a veemência dos antagonismos políticos, o liberalismo revolucionário de Teófilo Otonni, instigando o povo contra a Monarquia e os comerciantes corruptos e gananciosos que o exploravam. Entre estes, destacava-se o rico e poderoso Honório de Rezende Freire, filho do Intendente e Elvira, enriquecido às custas da miséria popular.

Vítimas de doença misteriosa (falou-se até em envenenamento), os tios de Honório, que o haviam acolhido na infância, faleceram, deixando-lhe considerável herança, constituída por fazendas e casas comerciais.

Casando-se com Ernestina de Melo Leitão, de tradicional família de Vila Rica, Honório teve uma filha, Maria Eugênia, a quem dedicava desvelas e afeições, ao contrário da esposa, que consumia compulsivamente doces e iguarias, engordando cada vez mais.

A miséria do povo, no entanto, agravara-se a tal ponto que, insuflada por desafetos e devedores do comerciante, que também exercia implacável agiotagem, uma multidão de famintos, certo dia, invadiu e saqueou o principal empório de Honório, inclusive sua residência, no alto do sobrado.

Honório, chegando em defesa da família e dos bens, enfrentou os invasores com uma garrucha, ferindo de morte um deles, com isso desencadeando a fúria da turba, que o perseguiu e encurralou num dos cômodos do sobrado, enquanto a mulher e filha escapavam pelos fundos.

Naquele cômodo, decorado com o belíssimo leito do Tejuco, Honório

foi praticamente linchado, tombando, ensanguentado, na mesma cama onde, anos atrás, seus pais foram assassinados.

Ernestina, viúva do comerciante, e a filha Maria Efigênia foram, então, residir em São João del Rei, chamadas por parentes e amigos. E para lá seguiram, igualmente, os velhos e trabalhados móveis do Tejuco, guardados em cômodos do vasto casarão da família Peixoto de Souza, aparentada aos Rezende Freire.

3. Em São João del Rei, Maria Eugênia de Rezende Freire cresceu feliz na casa dos parentes. Adolescente, bela e instruída, conquistou o coração de um primo, Tomaz Peixoto de Souza, médico e rico fazendeiro, beirando os quarenta anos de idade. Casaram-se e tiveram uma filha, Bárbara Isabel, em parto extremamente difícil, que provocou a morte da parturiente.

Tomaz não ficou viúvo por muito tempo, voltando a casar-se com Hortência Matos de Leme, de origem paulista, com quem teve outras três filhas.

Como a mãe, Bárbara Isabel transformou-se, por volta do ano de 1880, numa adolescente belíssima, culta e admirada pianista. Num dos frequentes saraus realizados no solar, próximo a Igreja de São Francisco de Assis, obra-prima do Aleijadinho, Bárbara conheceu e enamorou-se do poeta e também fazendeiro, José Manuel da Silva Alencastro, com ele se casando na Igreja de Santo Antônio, em São José del Rei, atual Tiradentes.

De vida financeira tumultuada, José Manuel acumulou dívidas e, no plano político, como adepto da causa republicana, perigosos adversários, como o deputado Joaquim Vilas Boas da Gama, monarquista convicto, casado com uma parenta de Jorge Silvino dos Reis, amigo e correligionário de Alencastro e Tomaz Peixoto de Souza no Clube Republicano Tiradentes.

Desencadeada forte repressão policial da monarquia, traído por Silvino dos Reis, que cedera às ameaças do deputado, José Manuel foi preso e remetido ao Rio, onde, desesperado, suicidou-se na prisão. Em São João del Rei, com os bens confiscados, Bárbara Isabel não resistiu à morte do marido e, pouco depois, da filha Maria Efigênia. Enlouqueceu e, declamando versos de José Manuel, passou a vagar, a noite, pelas ruas desertas da cidade.

Certa madrugada, doente e deprimida, refugiou-se num dos quartos da casa, estendeu-se no velho leito do Tejuco e ali permaneceu até a morte, ouvindo a voz pungente de Alencastro, que lhe dizia os versos imortais: "Bárbara bela, do Norte estrela, que o meu destino sabes guiar..." Dizem que chegou a ouvir, no instante final, a voz quase inaudível de Alencastro, dizendo: "Isto é castigo... que Amor me dá".

4. Levado de São João del Rei para a cidade de Mariana, Damasceno Freire da Silva Alencastro, o filho remanescente de Bárbara e José Manuel, foi criado por um tio paterno, José Basílio de Alencastro, dono da tradicional "Pharmacia Central", instalada na Rua Direita, próxima da casa onde viveu e morreu o poeta Alphonsus de Guimaraens.

Influenciado pelo tio, Damasceno formou-se pela Escola de Farmácia de Ouro Preto e, morrendo-lhe o tio, herdou e dirigiu por longos anos o estabelecimento. Casando-se aos trinta e dois anos de idade com Eponina de Arruda Gonzaga, teve um filho, Afonso. Este, ainda criança, foi residir com os avós, em Belo Horizonte, enquanto Damasceno, com a morte da esposa, vítima de câncer, entregou-se à bebida, à boemia e às longas caminhadas, com um velho amigo, Jesuíno, pelas ruas desertas da cidade.

Quando o antigo auxiliar da farmácia, Raimundo de Sá, pediu as contas e partiu para a capital, o Jesuíno apresentou-lhe uma moçinha bela e delicada, Celeste, para substituir o empregado. A moça, também admiradora de Alphonsus de Guimaraens, de quem sabia de cor vários poemas, conquistou rapidamente o coração empedernido do farmacêutico, a tal ponto que, num romântico pic-nic nas imediações do pico do Itacolomi, pediu-a em casamento.

A noite de nupcias foi, no entanto, um desastre. Quando o casal, finda a recepção no belo solar próximo à Igreja das Mercês, chegou ao quarto conjugal e preparou-se para deitar-se naquela mesma e atávica cama colonial, Damasceno empalideceu, afirmando ter visto na talha da cabeceira, dois olhos que o fitavam com ódio. Aconteceu, então, o inesperado: o farmacêutico foi dominado por insuperável inibição sexual, que se repetiu nos dias subsequentes, obrigando-o a consultar médico em Belo Horizonte.

Celeste permaneceu em Mariana na companhia de Elisa, sobrinha da primeira e falecida esposa do farmacêutico, moça de fascinante beleza e envolvente sedução. As duas moças, com muitas afinidades humanas e culturais, depressa se ligaram por uma amizade ardente que, em pouco tempo, se transformou em amor, conduzindo-as ao prazer intenso da carícia e do sexo naquele mesmo leito que, contrariamente ao que ocorrera com Damasceno, lhes provocava extraordinária excitação.

Retornando de Belo Horizonte, convencido pelo médico que seu mal era puramente circunstancial, Damasceno rumou, feliz, para casa, enquanto, nela, Celeste e Elisa freíam de prazer no velho leito do Tejuco.

Damasceno aproximou-se da casa, que abriu silenciosamente, e caminhou até o quarto, ouvindo gemidos de prazer. Abriu a porta e avistou a cena insólita que o deixou paralisado de assombro. Foi então buscar um revólver e retornou ao cômodo, cuja porta abriu bruscamente, ordenando às moças, assustadíssimas, que continuassem fazendo o que presenciara.

Elisa e Celeste, o rosto coberto de vergonha e espanto, voltaram a abraçar-se, profundamente constrangidas.

Damasceno, apontando-lhes sempre a arma, pouco a pouco foi deixando que o desprezo e o rancor se substituíssem por uma lancinante piedade. Desviou, então, o cano da arma, ergueu-o a altura da têmpora direita e apertou o gatilho, tombando morto na cama e espargindo sangue nas duas infelizes, cujos gritos misturaram-se ao bater plangente dos sinos das igrejas. Foram seis horas da tarde.

5. Outro longo período de tempo passa a separar os tristes acontecimentos de Mariana dos dias atuais, com a ação agora transferida para Ouro Preto, Cidade Patrimônio da Humanidade. E é na antiga Vila Rica de Albuquerque que, em dia indeterminado da atualidade, o engenheiro-eletricista Paulo Roberto de Almeida Cintra, com 28 anos de idade, chega de carro para trabalhar na fábrica de alumínio da Alcan, no bairro de Saramenha.

Paulo Roberto, informado do local onde vai residir, atravessa a cidade e vai estacionar diante da "república", próxima à Igreja do Carmo, onde um colega, Adroaldo Quintão, o recepciona. Naquele exato momento começa a ouvir, vindo do sobrado em frente, o som nostálgico de um piano. Uma força estranha o detém, atraído pela música. Pouco depois, terminada a execução, chega ao alpendre uma linda jovem, Vera Lúcia, residente, com a avó, dona Olga, no casarão. Os dois se fitam, atraídos definitivamente um pelo outro.

Apesar da ruidosa preferência do engenheiro pela música "pop", Paulo Roberto e Vera Lucia iniciam um namoro que, com força inevitável, aprisiona-lhes o destino. Dona Olga manifesta medo e antipatia inexplicáveis pelo rapaz, opondo-se ao namoro, inutilmente. Os sentimentos instintivos da avó de Vera Lucia transformam-se, mais tarde, em angústia quando, informada pelo colega de Paulo Roberto, descobre que este era o último descendente do Fiscal Pedroso de Almeida, enforcado no Tejuco. Ela sabia, na verdade, que Vera Lucia descendia do Intendente Rezende Freire, do tronco diamantinense de algoz de um inocente.

Perturbado pelo hábito misterioso de Vera Lucia, que desaparecia invariavelmente aos domingos, Paulo Roberto decidiu segui-la, intrigado, por ruas e vielas da cidade, até um recanto afastado, onde a viu entrar numa casa abandonada, no fundo de um jardim de árvores centenárias.

O engenheiro também se aproximou da chácara, bateu à porta, tentando esclarecer o mistério. Vera Lucia vem abrir-lhe, irritadamente, a porta e depois o tranquiliza: aquela era a casa onde nascera e vivera a infância com os pais, que nela faleceram. Fascinado pelo interior da residência, decorado com os móveis do Tejuco, Paulo Roberto percorre excitadamente salas e quartos, até chegar, no fim do corredor, ao cômodo fechado a chave, que ele praticamente arromba, avistando, num dos cantos, o belíssimo leito fabricado no Tejuco.

Deslumbrado, escancara as janelas e, com um lenço, retira a poeira que recobre o móvel de sangrenta história. Dominado, inelutavelmente, por uma extraordinária excitação, Paulo Roberto vai buscar a noiva, parada à porta, o semblante exprimindo medo e repulsa. Arrasta-a ao leito, abraçando-a com um frêmito de sensualidade que a apavora, tentando libertar-se do abraço voraz. Mas o engenheiro resiste e a estreita com mais força nos braços, tentando beijá-la na boca, acariciando-lhe o rosto, o colo, os seios, forçando-a a estender-se na cama. Para libertar-se do estupro selvagem, Vera Lucia começa a gritar, enquanto Paulo Roberto, para sufocar-lhe os gritos desesperados, começa a apertar-lhe o pescoço, num estrangulamento covarde.

Fora da casa, apavorada, dona Olga aproxima-se da casa e ouve os gritos da neta. Pressentindo a tragédia, a avó de Vera Lucia guardara na bolsa um pequeno revólver e viera em socorro da moça, cujas forças pouco a pouco se exaurem, sufocada pelo rapaz. Antes de expirar, balbucia, fitando-o com ódio: "Maldito! Mal...di...to!" E morre sob a talha da cabeceira.

Ao chegar ao quarto, dona Olga avista a neta morta e seu assassino imobilizado ao pé da cama, os olhos vazios, como se nada entendesse. Retira o revólver e atira duas, três vezes. Paulo Roberto tomba no leito, ao lado da desgraçada descendente do Intendente Rezende Freire, encerrando a ciranda atávica de maldição.

CIRANDA BARROCA

QUINTO EPISÓDIO - OURO PRETO - ATUALIDADE

NOVA VERSÃO PARA O FINAL, COM "HAPPY END"

Paulo Roberto e Vera Lúcia chegam ao último quarto da casa abandonada.]

Dominado por uma estranha excitação, o engenheiro consegue abrir a porta fechada do quarto, enquanto Vera Lúcia, que o impedia de entrar no cômodo, permanece na soleira da porta.

Paulo Roberto caminha, abre a janela do quarto e avista o belíssimo e velho leito colonial, recoberto de poeira. Deslumbrado, apanha um pano e começa a limpá-lo, cada vez mais atraído pelo fascínio do velho móvel fabricado no Arraial do Tijuco.

Depois vai ao encontro de Vera Lúcia, envolve-a num abraço nervoso, quase violento, beija-a na boca e a atrai ao leito, dizendo que aquele seria o maravilhoso leito de sua lua de mel.

A pianista, percebendo que o beijo continha um arrebatamento estranho, tenta afastá-lo. Mas o engenheiro a retém nos braços, acaricia-lhe o colo, os seios, as coxas, com um frêmito inesperado de sensualidade. Depois a estende no leito e, apesar da resistência da moça, domina-a com as mãos e começa a despi-la de forma nervosa e sensual.

Com o peso e os movimentos dos dois corpos, a cama, subitamente, desaba no chão, caindo a cabeceira nos fundos.

É quando, ainda assustados, os dois começam a rir, a gargalhar, abraçando-se e se beijando, apaziguados, estendidos no colchão do leito, cuja maldição havia terminado para sempre.

E nele o casal permanece, soltando gargalhadas, beijando-se, divertidos com o incidente.

Paulo Roberto, contendo o riso, então lhe fala:

- Você tem razão, Vera Lúcia. Vamos vender esta velharia para um antiquário, ou doá-la para um museu. Vamos comprar uma cama nova, e nela nós dois nos amamos dia e noite.

Câmera recua, ultrapassa a janela e vai mostrar, de um ponto elevado, a paisagem mágica e eterna de Ouro Preto, no belíssimo crepúsculo, ouvindo-se sinos que soam desta vez com alegria e triunfo.

Ouro Preto, 30 de setembro de 1999.

Geraldo Santos Pereira

CIRANDA BARROCA

Argumento Cinematográfico
de Geraldo Santos Pereira

S i n o p s eAMPLIADA

1. A ação dramática de CIRANDA BARROCA abrange cronologicamente cinco períodos, ambientados nas cidades de Diamantina, Serro, São João del Rei, Mariana e Ouro Preto. Utiliza, como elementos de aglutinação dramática, móveis coloniais, predominando, entre eles, um primoroso leito estilo Maria I, fabricado no século dezoito no antigo Arraial do Tijuco, e que percorre as cinco cidades e envolve os descendentes de poderoso e despótico Intendente dos Diamantes, nomeado pela Corte portuguesa em 1782.

Em cada período, e em cada cidade, eclodem acontecimentos que, de forma alegórica, ou parafrásica, mantêm correlação com fatos da história mineira e brasileira.

O primeiro período, deflagrador de todo o processo dramático, ambienta-se no antigo Arraial do Tijuco, atual cidade de Diamantina, naquele ano de 1782, envolvendo, além do Intendente José Antônio de Rezende Freire, sua jovem e bela mulher Elvira, nascida no Tijuco; o Fiscal da Intendência, Fernando Pedroso de Almeida, seu filho Raimundo e um garimpeiro, Orozimbo, líder do movimento de emancipação da Província.

O Fiscal, por uma série de fortuitas coincidências, acabou desgraçadamente acusado de furtar diamantes e pedras preciosas, guardados nos cofres da Intendência e prontos para remessa a Lisboa.

O Fiscal, preso, torturado e condenado à morte por enforcamento, tinha um filho, Raimundo, aprendiz de carpinteiro na oficina de um tio, e testemunha desesperada do enforcamento e da maldição que o pai lançara, antes de morrer, contra o Intendente Rezende Freire e seus descendentes.

Posteriormente, desejando prover de novo e rico mobiliário a luxuosa residência que construíra no Arraial, o Intendente contratou o carpinteiro português, irmão do Fiscal e tio de Raimundo, para fabricar-lhe móveis do mais fino lavor.

E foi exatamente na mata onde o Fiscal morrera enforcado que o carpinteiro e entalhador buscou a madeira para a fabricação dos móveis. Da frondosa perobeira do campo, de onde pendeu a corda do enforcamento, foi feito o belíssimo leito estilo Maria I, destinado ao quarto do Intendente e sua esposa.

Naquele leito, mais tarde, ocorreu a tragédia que, por longo tempo, abalou a Província das Minas Gerais: retornando inesperadamente de

viagem a Vila Rica, o Intendente defrontou-se com a esposa e o garimpeiro Orozimbo naquela cama de admirável beleza, certificando-se de que Elvira fora a autora do furto dos diamantes, destinados a financiar o movimento de emancipação.

Alucinado, fora de si, o Intendente armou-se e arrombou a porta do quarto, atirando contra os dois amantes, matando Elvira e ele próprio assassinado pelo garimpeiro que o dominou.

Dias mais tarde, Honório, filho único do Intendente e Elvira, foi conduzido à casa de parentes, na Vila do Príncipe, atual cidade do Serro. E com ele seguiram os ricos móveis da residência tijuicana, transportados em lombo de burros e carroções puxados por bois por caminhos e trilhas abertas na Serra do Espinhaço.

Aquele leito de beleza envolvente, sobre o qual se consumara a tragédia, foi desmontado e, atravessando as ruas do Serro Frio, foi guardado num dos cômodos do sobradão onde residia, no Bota-Vira, o abastado fazendeiro e comerciante Manoel Vieira de Carvalho, casado com Feliciano Freire de Carvalho, irmã do Intendente.

Naquela casa, no Serro Frio, cresceu e se educou o filho de Elvira e Rezende Freire.

2. Passado quase meio século após os tristes acontecimentos do Tijuco, muita coisa mudara na Província das Minas Gerais e no Brasil Colônia, cujas lavras, exauridas pela exploração predatória, haviam se esgotado, atestando a decadência econômica do país.

No Serro, a partir do turbulento ano de 1830, prevaleciam o entrelaço político, a veemência dos antagonismos provocados pela miséria e a opulência e, finalmente, a pregação liberal e revolucionária de Teófilo Ottoni.

Naquele cenário de intensa agitação política e de profunda miséria e revolta da população da Província, consolidara-se o poder econômico do comerciante Vieira de Carvalho e Honório de Rezende Freire, filho do Intendente Freire, transformado num homem duro e implacável contra os devedores de seu império comercial.

Vítimas de doença misteriosa - chegou-se até em falar em envenenamento - Vieira de Carvalho e sua mulher faleceram repentinamente, assumindo Honório, como único herdeiro, os bens e a condução dos negócios do pai adotivo.

Honório, em pouco tempo, duplicou a fortuna herdada, apesar do recrudescimento da crise econômica e da fome do povo.

Casando-se com Ernestina de Melo Leitão, de tradicional família de São João del Rei, Honório, com pouco mais de cinquenta anos de idade, revelou notável tino comercial. A fome, que grassava na cidade, favoreceu, na verdade, os negócios do ambicioso comerciante que, de forma impiedosa, especulava com os preços e executava na Justiça os devedores relapsos.

Honório e Ernestina tiveram uma única filha, Maria Eugênia, a quem dedicavam desvelada afeição.

Enquanto Honório enriquecia, odiado pelo povo, que o apelidara de "Barriga de Ouro", Ernestina, sua mulher, engordava, devorando compulsivamente doces e guloseimas. Comia de tudo, sem escolha, com ávido furor gastronômico, enquanto o marido mantinha amantes fora de casa, sem se importar com a "mãe de sua filha", como se referia a Ernestina com desprezo.

Preocupada com o agravamento da fome na região, Ernestina, com medo que lhe faltasse comida, começou a armazenar doces e comestíveis em vários cômodos da casa, inclusive debaixo da cama. Cada vez mais gorda, tornara-se uma mulher solitária e hipocondríaca, odiando o marido e nele pondo a culpa de sua crescente infelicidade.

Apesar dos conselhos e advertências de amigos, que lhe frequentavam a casa, apesar, sobretudo, dos duros ataques do jornal republicano "Tribuna do Serro", Honório de Rezende Freire continuou impassível, aumentando cada vez mais o cabedal.

O desfecho parecia inevitável: a multidão de famintos aglomerava-se na praça, diante do empório de Honório, clamando por comida. E certo dia, insuflada por devedores e desafetos do comerciante, a massa humana se rebelou e arrombou enfurecida as portas do empório, iniciando um formidável saque de tudo o que continha.

No pavimento superior, indiferente ao tumulto que se formara na praça, Ernestina continuava a mastigação voraz de seus doces, recostada num almofadão amarfanhado.

Mas o povo do Serro, sabedor dos estoques guardados no sobrado, subiu a escadaria e invadiu a residência do comerciante, defrontando-se na sala com a gulosa Ernestina e com ela se empenhando numa formidável batalha pela posse da comida.

Honório, chegando em defesa da mulher, sacou de uma arma e atirou na massa desatinada, matando um dos invasores. Em seguida, perseguido pela turba, refugiou-se num dos cômodos da casa, enquanto Ernestina apanhou a filha e fugiu pelos fundos.

Honório trancou-se no quarto no fim do corredor, e no qual se via, num dos cantos, o belíssimo leito Maria I, fabricado pelo filho do Fiscal Pedroso de Almeida. Apesar de sujo, maltratado e envelhecido, o móvel ainda deixava ver a beleza de sua esplêndida execução. Sobre ele, contudo, acumulavam-se sacos de farinha, arroz, feijão, milho e outros gêneros alimentícios, também empilhados em cadeiras e prateleiras.

A multidão, do lado de fora, começou a esmurrar a porta, gritando palavrões.

Quando percebeu que a porta não resistiria, Honório, movido pelo instinto de sobrevivência, apanhou os pesados sacos de alimentos e os recostou na porta, tentando reforçá-la. Pouco a pouco o velho leito colonial foi sendo despojado daqueles fardos e deixou ver, de novo, sua beleza inimitável. Mas os golpes dos invasores cresciam de intensidade. Com

o pavor estampado nos olhos, Honório correu às janelas e tentou abri-las. Nada conseguiu, pois estavam fechadas com vigas e pregos. Pouco depois, apavorado, viu a porta ruir estrepitosamente, despedaçada.

A turba, levada à loucura, arrebentou com facas e pedaços de pau os sacos, pisando nos alimentos, investindo contra o comerciante, que ainda tentava defender-se. Sua reação, no entanto, só serviu para aguçar-lhe o furor vingativo. Moído de pancadas, esfaqueado por todo o corpo, Honório tombou semi-morto no leito do Tijuco, encharcando-o de sangue.

Só então os invasores deixaram-no em paz, isto é, em agonia. E se afastaram, levando o que podiam.

No estertor da morte, abandonado no quarto convulsionado, Honório ainda lutou pela vida e, com esforço sobrehumano, tentou soerguer-se. Mas não resistiu e tombou pesadamente na cama, o rosto apavorado voltado para a cabeceira de talha admirável. E morreu.

Ernestina, com a filha no colo, deixou a casa e se refugiou na residência de amigos. A praça fronteira ao empório foi ficando deserta, mostrando no chão as marcas da invasão, como tristes troféus da miséria. Um grande silêncio cobriu toda a cidade.

No dia seguinte, Honório de Rezende Freire foi enterrado no cemitério da Vila do Príncipe, enquanto a viúva e a filha deixaram a cidade com destino a São João del Rei.

E, novamente, como procissão mortuária, os ricos móveis do Tijuco seguiram pelos caminhos escarpados de Minas, descendo a Serra do Espinhaço, avançando pelos chapadões causticantes e, quilômetros adiante, subindo a Mantiqueira e chegando à cidade de São João del Rei, onde foram recolhidos aos porões do vasto casarão da família Peixoto de Souza.

3. Em São João del Rei, Maria Eugênia de Rezende Freire cresceu feliz em casa de parentes. Adolescente, bela e instruída, conquistou o coração de um primo em segundo grau, Tomaz Peixoto de Souza, médico e fazendeiro beirando os quarenta. Casaram-se e tiveram uma filha, Bárbara Isabel, em parto extremamente difícil, que provocou a morte da mãe.

Tomaz não ficou viúvo por muito tempo, voltando a casar-se com Hortênsia Matos de Leme, de origem paulista, com quem teve outras três filhas.

Como a mãe, Bárbara Isabel transformou-se numa adolescente lindíssima, culta e, desde cedo, excelente pianista. Num dos saraus realizados com frequência no solar próximo à Igreja de São Francisco de Assis, Bárbara Isabel conheceu e enamorou-se do poeta e também rico fazendeiro José Manuel da Silva Alencastro, com o qual se casou na igreja matriz de Santo Antônio, em São José del Rei, atual Tiradentes.

Desfrutando de grande prestígio em toda a Província e no Rio de Janeiro, José Manuel da Silva Alencastro, além de poeta inspirado, era homem de fortuna. Tinha, contudo, vida financeira tumultuada, com dívidas

vida dos republicanos e abolicionistas.

Sob ameaça de prisão e confisco de bens, Silvino dos Reis, que não era homem de convicções fortes, acovardou-se e, por recomendação do deputado, escreveu longa carta ao Imperador, "rogando perdão pelo envolvimento na conspiração republicana" e, de forma vil, denunciando a ação subversiva do Clube Republicano.

A consequência da traição de Silvino foi trágica: José Manuel da Silva Alencastro, o sogro, Tomaz Peixoto de Souza e muitos outros, foram remetidos, acorrentados, ao Rio de Janeiro, diante do desespero de Bárbara e sua filha.

Damasceno, antes de completar um ano, foi levado por amigos à cidade de Mariana, de onde nunca mais regressou. Maria Efigênia, meses depois, morreu de febre cerebral, após receber a notícia do suicídio do pai na prisão do Rio.

Bárbara Isabel enlouqueceu. Mas sua loucura foi inofensiva, levando-a a vagar à noite pelas ruas desertas de São João del Rei, recitando versos do marido.

Numa daquelas noites, a mais triste de todas, Bárbara regressou, de madrugada, ao velho solar da praça de São Francisco de Assis. Caminhou com lentidão, abriu a porta da casa e ganhou o escritório de Alencastro, vasculhado pela polícia. Sentou-se na cadeira de balanço e, com emoção, pareceu ouvir, do fundo da casa, a voz débil e nostálgica de Alencastro:

"Bárbara bela,
do Norte estrela,
que o meu destino
sabes guiar.
Eu bem queria
a noite e o dia
sempre contigo
poder passar.
Isto é castigo
que amor me dá". (Poema de Alvarenga Peixoto).

Com o semblante marcado pelo sofrimento, Bárbara levantou-se, atravessou a sala, ganhou o corredor e alcançou o quarto de hóspedes, cuja porta abriu lentamente.

E entrou, avistando, perto da janela, aquele velho e admirável leito Maria I, do Tijuco. E nele se deitou, em silêncio.

Diz a tradição que, antes de expirar, Bárbara ainda ouviu a voz pungente de Alencastro, dizendo, como em despedida:

"Isto é castigo
que Amor me dá..."

4. Levado de São João del Rei para Mariana, o filho de Bárbara e Alencastro, Damasceno Freire da Silva Alencastro, foi criado por um tio pater-

e negócios nem sempre bem sucedidos.

No plano político, Alencastro era entusiasta da causa republicana e abolicionista, com isso provocando na cidade a animosidade de adversários ligados à monarquia, como o deputado Joaquim Vilas Boas da Gama, casado com uma parente de Jorge Silvino dos Reis, amigo e correligionário de Alencastro no Clube Republicano Tiradentes, centro político dos adeptos da República.

Jorge Silvino dos Reis era assíduo frequentador do solar de Alencastro e Bárbara Isabel. Casado com Dorotéia, amiga e confidente de Bárbara, com quem, aliás, formava dupla musical bastante apreciada na cidade, Silvino dos Reis era riquíssimo proprietário de lavras de ouro e prata, além de credor de considerável importância em dinheiro de José Manuel da Silva Alencastro.

Por volta do ano de 1888 os acontecimentos políticos e militares agravaram-se no Brasil, deixando-o próximo de desfechos imprevisíveis. A questão servil havia alcançado ponto insuportável de tensão e todo o povo brasileiro convencera-se de que o triunfo abolicionista estava próximo.

No plano doméstico, o culto do amor, da música e da poesia transformava o lar de Alencastro e Bárbara em recanto de intensa felicidade espiritual. Essa felicidade culminou quando nasceu Maria Efigênia, a "princesa", como passou a ser chamada em toda a cidade.

Foi também acontecimento destacado na vida dos Alencastros o dia em que os empregados da carpintaria "Boanerges & Filhos" terminaram a restauração dos belíssimos móveis originários do Tijuco, trazidos do Serro para a vivenda dos Peixoto de Souza e, por direito de herança, para a casa de Bárbara Isabel.

Apesar dos apelos de Alencastro para que o famoso leito colonial viesse substituir-lhes a velha e prosaica cama de casal, que então usavam, Bárbara preferiu deixá-lo no quarto de hóspedes, alegando que lhe trazia tristes recordações de família.

Pouco tempo depois do nascimento do filho varão, Damasceno, ocorreu a tragédia que iria marcar definitivamente a vida amorosa e feliz de Alencastro e Bárbara Isabel.

Alarmado com o avanço inexorável da causa republicana, D. Pedro II entregou a chefia do governo ao gabinete reacionário do Visconde de Ouro Preto, instalado em 7 de junho de 1889.

Por essa época, José Manuel viajava constantemente a Ouro Preto e Rio de Janeiro, de onde trazia documentos e planos sigilosos de aliciamento de civis e militares para a implantação da República. Em reunião realizada no Clube Republicano Tiradentes, Alencastro relatava o resultado de suas viagens.

Mas a facção monarquista, chefiada pelo deputado Vilas Boas da Gama, reagiu e preparou poderosa contra-ofensiva. E, desgraçadamente, o grande amigo de Alencastro, e seu credor, Jorge Silvino dos Reis, foi o pivô da tragédia, convencido pelo deputado a afastar-se do grupo que chamava de "ilegal e subversivo", advertido de próxima e rigorosa devassa na

de Vera Lúcia começou a ouvir o rumor da luta desesperada. Interrompeu a caminhada, aterrorizada, pedindo a proteção de Deus.

No interior da casa, naquele quarto e naquela cama fatídica, Paulo Roberto apertava, com mais força, o pescoço da desditosa pianista, cujas forças já se exauriam, sem resistência. E começou a ouvir, surgindo do fundo da memória, o som longínquo de piano e de sinos, emergindo de um abismo no qual parecia precipitar-se.

Com o rosto encharcado de suor, os olhos com brilho maligno de vingança, Paulo Roberto não afrouxava o estrangulamento selvagem.

Antes de morrer, Vera Lúcia balbuciou, com um resto inaudível de voz:

- Maldito! Mal...dito! Mal...di...to!

Tombou a cabeça no travesseiro, exatamente, como dois séculos atrás, Elvira, a mulher do Intendente, havia morrido no Tijuco.

Só então Paulo Roberto afrouxou as mãos que a estrangularam. Ergueu o corpo, sentou-se no leito, absorto, sem nada entender, os olhos fixos na talha da cabeceira, sentindo uma enorme fadiga.

Foi quando ouviu os passos de alguém que chegava. Voltou-se e avistou dona Olga, paralizada de horror.

O engenheiro, como se só então readquirisse a consciência, levantou-se e caminhou alguns passos na direção da velha, dizendo:

- Ah, dona Olga, olha o que aconteceu! Que coisa horrível!

A avó de Vera Lúcia deu alguns passos, aproximando-se do rapaz e, sem nada dizer, abriu a bolsa e dela retirou o revólver, que apontou para o engenheiro e nele descarregou toda a carga.

Paulo Roberto, ferido no rosto e no peito, soltou um gemido surdo e tombou no assoalho, diante da cama. E ali estertorou até morrer.

Dona Olga afastou-se do quarto, ganhou o corredor, a sala de visitas e chegou à parte externa da casa.

Depois cruzou a varanda, desceu os degraus, atravessou o jardim e, mais adiante, começou a descer a ladeira, de onde se avistava, distante, o casario barroco de Ouro Preto, envolto em neblina.

De lá subiam batidas melancólicas dos sinos das igrejas.

Rio, 6 de janeiro de 1992.

Isabel dos Reis

CIRANDA BARROCA

QUINTO EPISÓDIO - OURO PRETO - ATUALIDADE

NOVA VERSÃO PARA O FINAL, COM "HAPPY END"

Paulo Roberto e Vera Lúcia chegam ao último quarto da casa abandonada.]

Dominado por uma estranha excitação, o engenheiro consegue abrir a porta fechada do quarto, enquanto Vera Lúcia, que o impedia de entrar no cômodo, permanece na soleira da porta.

Paulo Roberto caminha, abre a janela do quarto e avista o belíssimo e velho leito colonial, recoberto de poeira. Deslumbrado, apanha um pano e começa a limpá-lo, cada vez mais atraído pelo fascínio do velho móvel fabricado no Arraial do Tijucu.

Depois vai ao encontro de Vera Lúcia, envolve-a num abraço nervoso, quase violento, beija-a na boca e a atrai ao leito, dizendo que aquele seria o maravilhoso leito de sua lua de mel.

A pianista, percebendo que o beijo continha um arrebatamento estranho, tenta afastá-lo. Mas o engenheiro a retém nos braços, acaricia-lhe o colo, os seios, as coxas, com um frêmito inesperado de sensualidade. Depois a estende no leito e, apesar da resistência da moça, domina-a com as mãos e começa a despi-la de forma nervosa e sensual.

Com o peso e os movimentos dos dois corpos, a cama, subitamente, desaba no chão, caindo a cabeceira nos fundos.

É quando, ainda assustados, os dois começam a rir, a gargalhar, abraçando-se e se beijando, apaziguados, estendidos no colchão do leito, cuja maldição havia terminado para sempre.

E nele o casal permanece, soltando gargalhadas, beijando-se, divertidos com o incidente.

Paulo Roberto, contendo o riso, então lhe fala:

- Você tem razão, Vera Lúcia. Vamos vender esta velharia para um antiquário, ou doá-la para um museu. Vamos comprar uma cama nova, e nela nós dois nos amamos dia e noite.

Câmera recua, ultrapassa a janela e vai mostrar, de um ponto elevado, a paisagem mágica e eterna de Ouro Preto, no belíssimo crepúsculo, ouvindo-se sinos que soam desta vez com alegria e triunfo.

Ouro Preto, 30 de setembro de 1999.

Geraldo Santos Pereira

GERALDO SANTOS PEREIRA

"CURRICULUM VITAE"

I - FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CULTURAL

1. Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais;
2. "Institut des Hautes Études Cinématographiques" - Paris
Curso de Produção-Realização (2 anos);
3. Literatura Contemporânea - Sorbonne - Paris.

II - EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

1. 1ª Assistente de Direção dos filmes "Uma Pulga na Balança", direção de Luciano Salce, e "Luz Apagada", direção de Carlos Thiré, na Companhia Cinematográfica Vera Cruz, São Paulo.

III- REALIZAÇÃO PROFISSIONAL - CINEMA

a)- Filmes de Curta-Metragem:

1. "Educação e Desenvolvimento", 1956;
2. "Escolas Técnicas do Brasil", 1956;
3. "Campanha de Educação Física", 1956;
4. "Formando Geólogos para o Brasil", 1957;
5. "Mineralogia Brasileira", 1957;
6. "Museu Nacional", 1957;
7. "O Mosteiro de São Bento", 1958;
8. "Roteiro Barroco Mineiro: Diamantina", 1958;
9. "Roteiro Barroco Mineiro: Ouro Preto", 1959;
10. "A Pintura Brasileira", 1960;
11. "O Que é o IPHAN", 1960;
12. "Fazenda-Escola", 1965;
13. "Serra da Piedade", 1966;
14. "Bens de Capital", 1971;
15. "Peixe: Alimento e Riqueza", 1972.

b)- Filmes de Longa-Metragem:

1. "Rebelião em Vila Rica", 1957, em "Agfacolor" (o primeiro filme em cores realizado no Brasil). Prêmios:

"Melhor Filme" no Festival do Cinema Brasileiro de Umuarama, Paraná, 1957; "Mention d'Honneur" no Festival Mundial do Filme de Bruxelas, 1958. Co-direção com Renato Santos Pereira.

2. "Grande Sertão", 1965, baseado no romance "Grande Sertão: Veredas", de João Guimarães Rosa. Co-direção com Renato Santos Pereira;
3. "Balada dos Infiéis", 1970, em "Eastmancolor". Produção e Direção de Geraldo Santos Pereira. Inspirado no conto "Água de Juventa", de Coelho Neto;
4. "O Seminarista", 1977, em "Eastmancolor". Adaptação do romance "O Seminarista", de Bernardo Guimarães. Prêmios: "Melhor Fotografia" no Festival de Cinema de Gramado, 1977; "Melhor Filme Nacional de 1977" pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Exibido no exterior.
5. "O Sol dos Amantes", 1979, em "Eastmancolor".
6. "O ALEIJADINHO - PAIXÃO, GLÓRIA E SUPLÍCIO" - EM FINALIZAÇÃO

IV - REALIZAÇÃO PROFISSIONAL - JORNALISMO

1. Redator de "O Diário", Belo Horizonte;
2. Redator e crítico de cinema no "Estado de Minas", Belo Horizonte;
3. Crítico de cinema no "Diário Carioca", Rio de Janeiro;
4. Crítico de cinema no "Diário de Notícias", Rio de Janeiro;
5. Redator da revista "Manchete", Rio de Janeiro;
6. Redator da "Folha da Noite", São Paulo;
7. Redator da revista "Luz e Ação", Rio de Janeiro.

V - ARGUMENTOS E ROTEIROS TÉCNICOS

1. "O Aleijadinho", com Renato Santos Pereira;
2. "Rebelião em Vila Rica", com Renato Santos Pereira e Abílio Pereira de Almeida;
3. "Balada dos Infiéis";
4. "O Seminarista";
5. "O Sol dos Amantes";
6. "O Cangaceiro e o Samurai";
7. "Bandeira de Heróis", sobre a vida do bandeirante Borba Gato;
8. "O Ex-Presidente", projeto e roteiro aprovados pelo "Pólo de Cinema e Vídeo de Brasília";
9. "O Sequestro do Amazonas";
10. "Ciranda Barroca", projeto e roteiro aprovados pela Comissão Nacional do Incentivo à Cultura, do Ministério da Cultura, 1992.

VI - ATIVIDADE CULTURAL

1. Fundador do Clube de Cinema de Minas Gerais, Belo Horizonte;
2. Fundador da Sociedade "Claude Debussy", Belo Horizonte.

VII - ATIVIDADE PEDAGÓGICA

Professor do Curso de Cinema do Museu de Arte Moderna, de São Paulo.

VIII- LIVROS PUBLICADOS

1. "Plano Geral do Cinema Brasileiro", Editor Borsoi, 1973;
2. "O Sol dos Amantes", Editora José Olympio-Embrafilme, 1979;
3. "Ciranda Barroca", Editora Grupiara, 1984.

IX - ATIVIDADES OFICIAIS E ASSOCIATIVAS

1. Membro e Secretário-Geral da Comissão Federal de Cinema, no Governo Juscelino Kubitschek, 1956;
2. Membro e Secretário-Geral do Grupo de Estudos da Indústria Cinematográfica, no Governo Juscelino Kubitschek, 1958;
3. 1º Secretário do Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica em diversos períodos;
4. 1º Secretário da Associação Brasileira dos Produtores Cinematográficos em diversos períodos.

X - PRÊMIOS E CONDECORAÇÃO

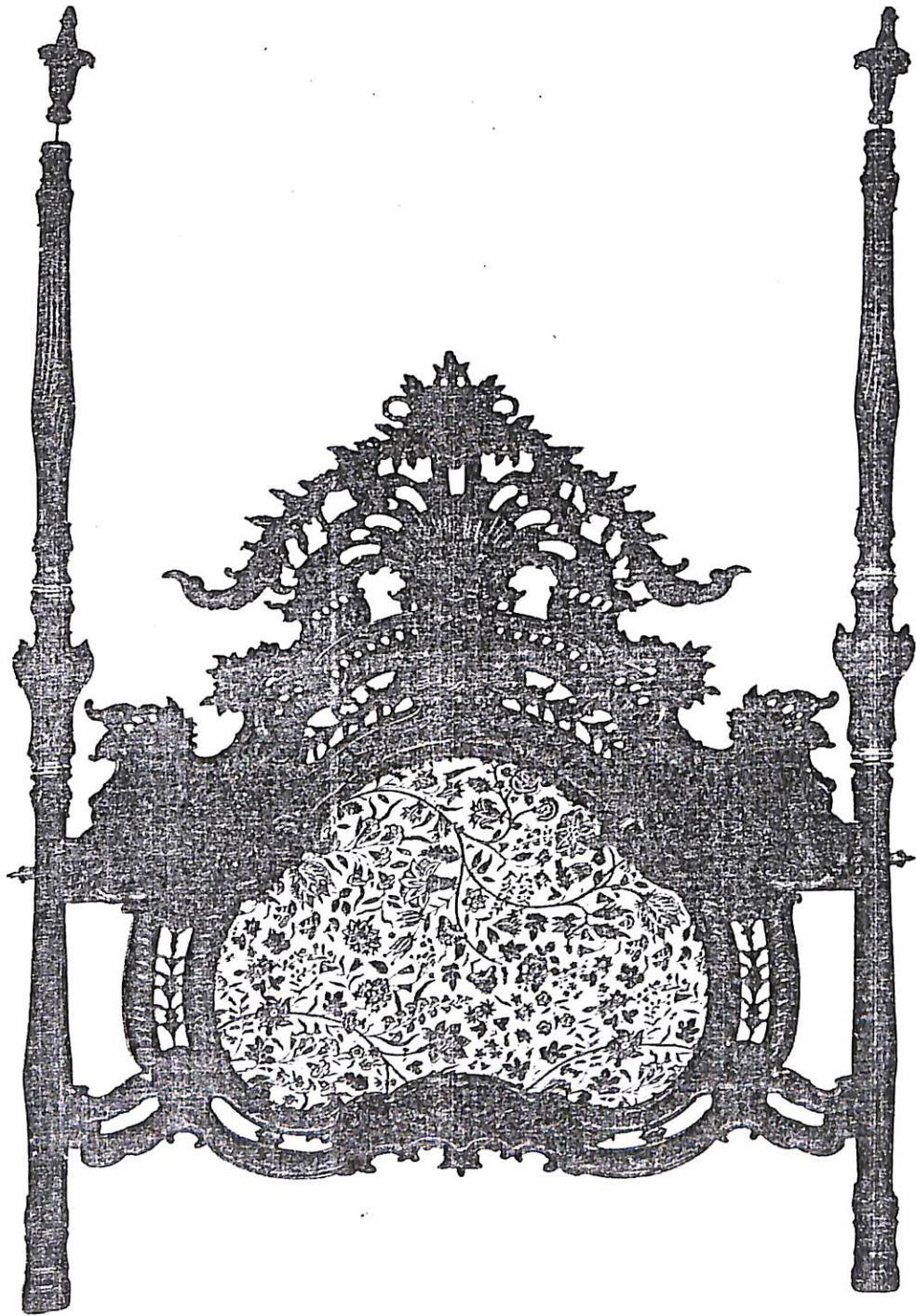
1. 1º Prêmio de Poesia do Concurso "Saint-Exupéry", organizado pelo jornal "O Globo", 1959 (viagem a Paris);
2. Um dos seis premiados no Concurso de Roteiros Originais, organizado pelo Instituto Nacional de Cinema e Embrafilme, em 1976, com "O Cangaceiro e o Samurai";
3. Condecorado com a Medalha do Aleijadinho, conferida pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto, 1978.

CIRANDA BARROCA

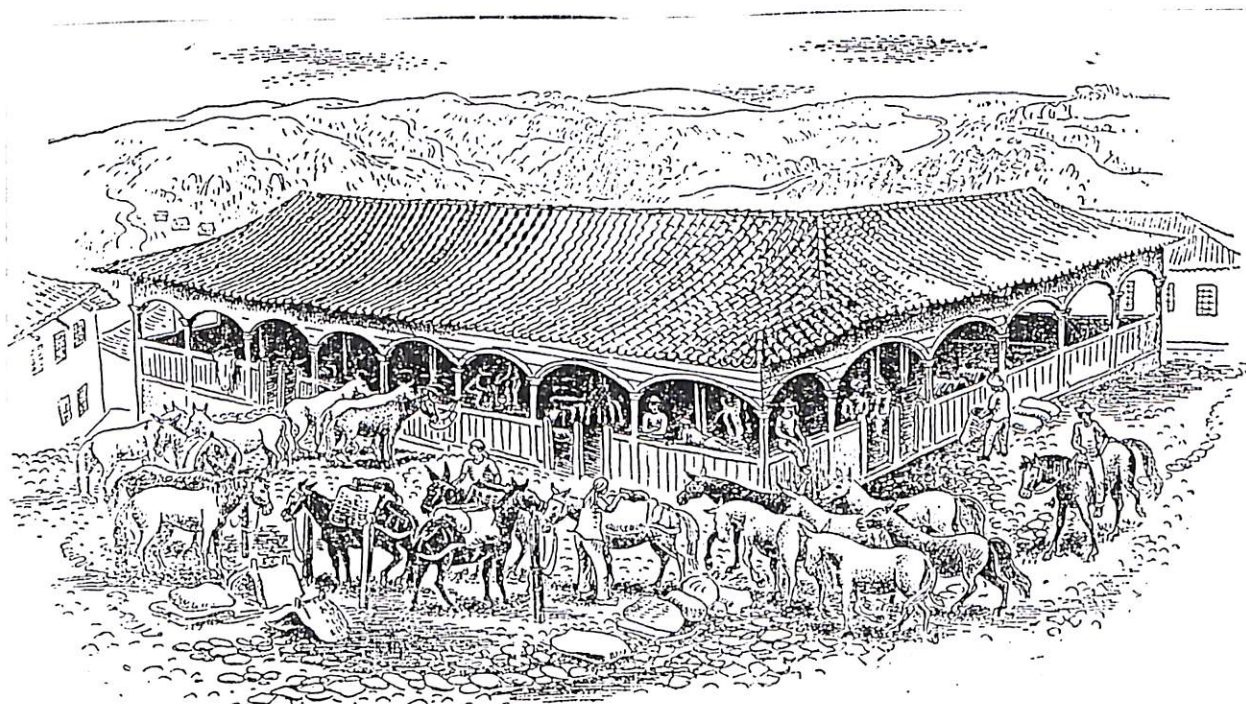
DOCUMENTAÇÃO

ARRAIAL DO TIJUCO (DIAMANTINA)

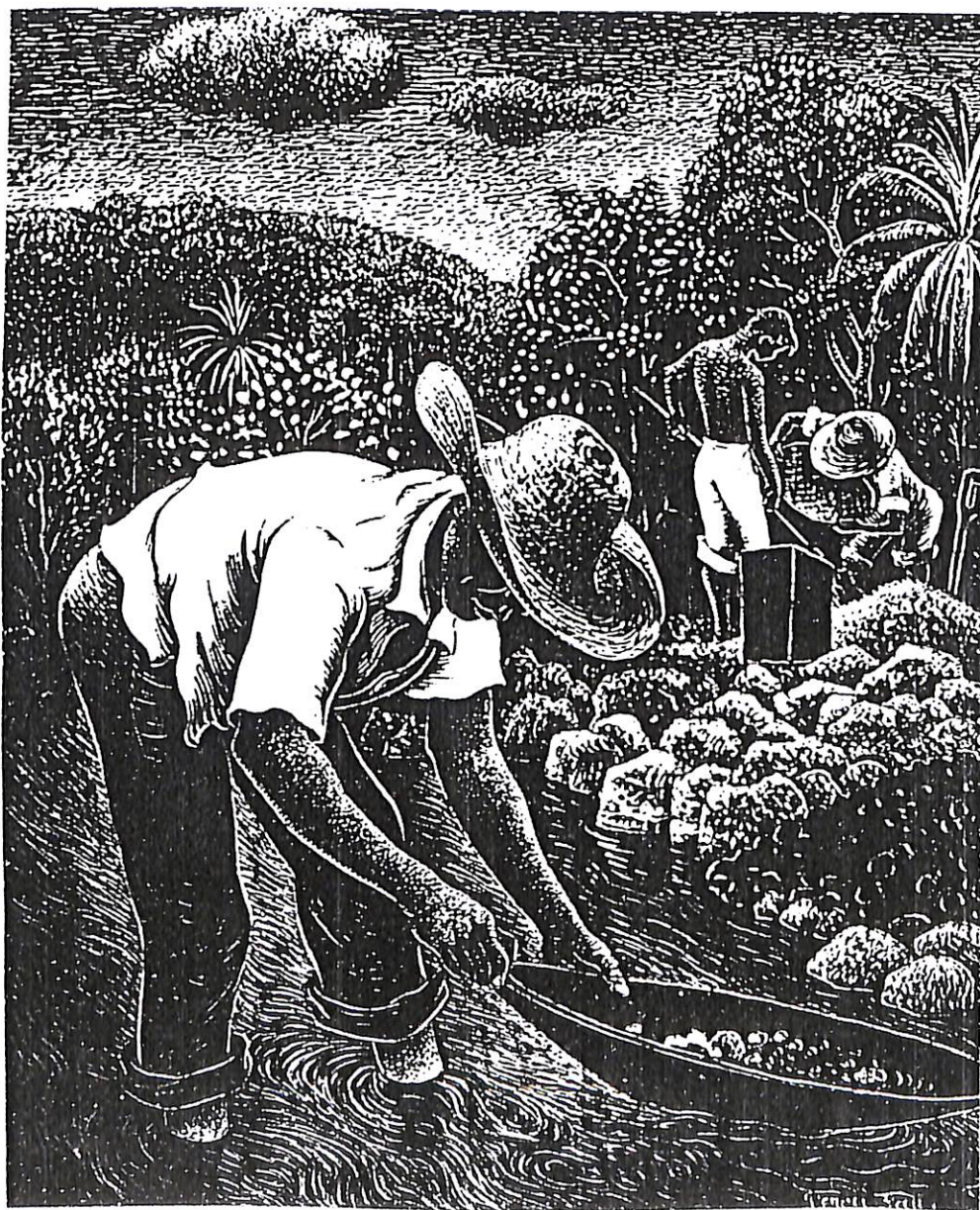
1782

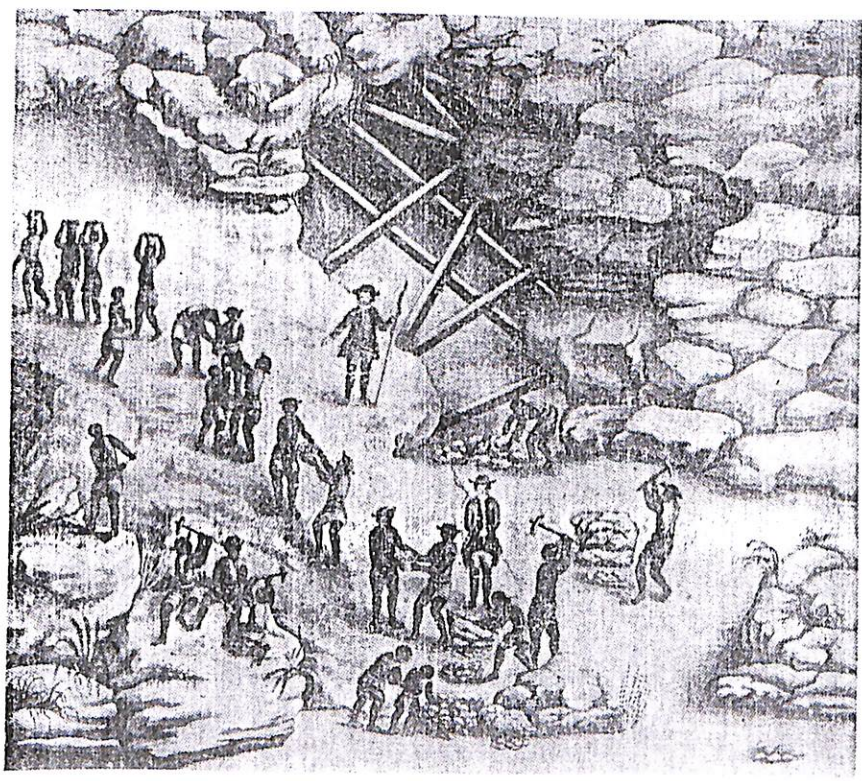


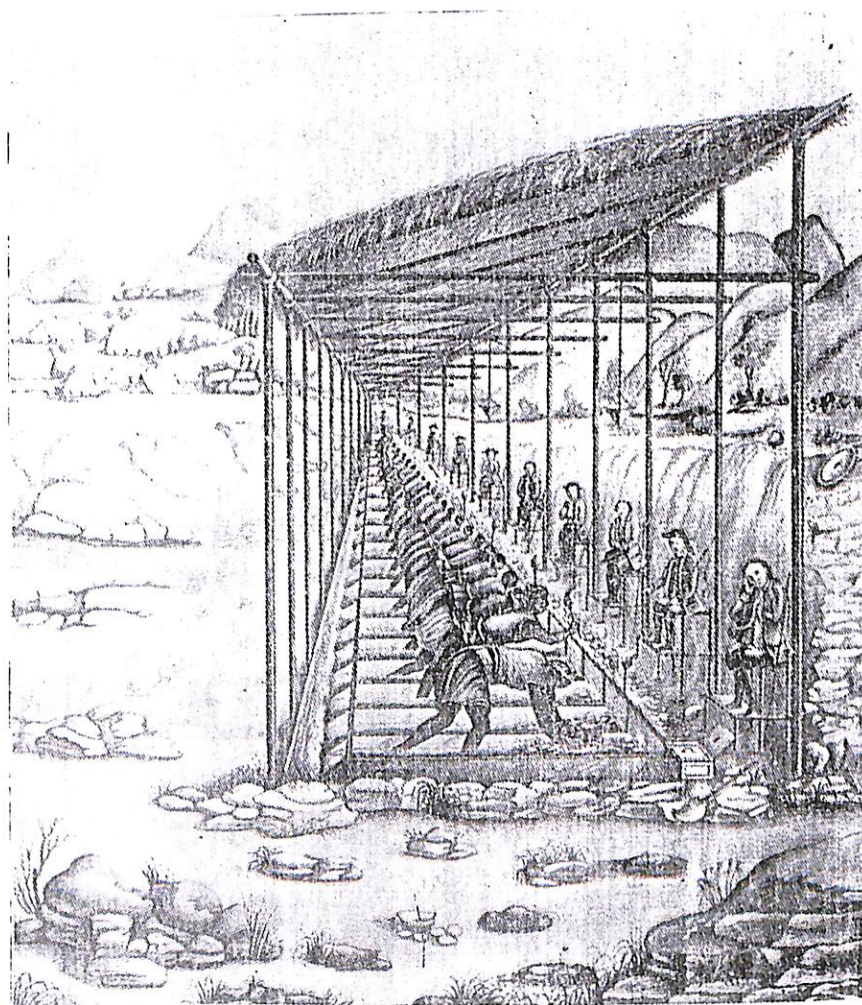




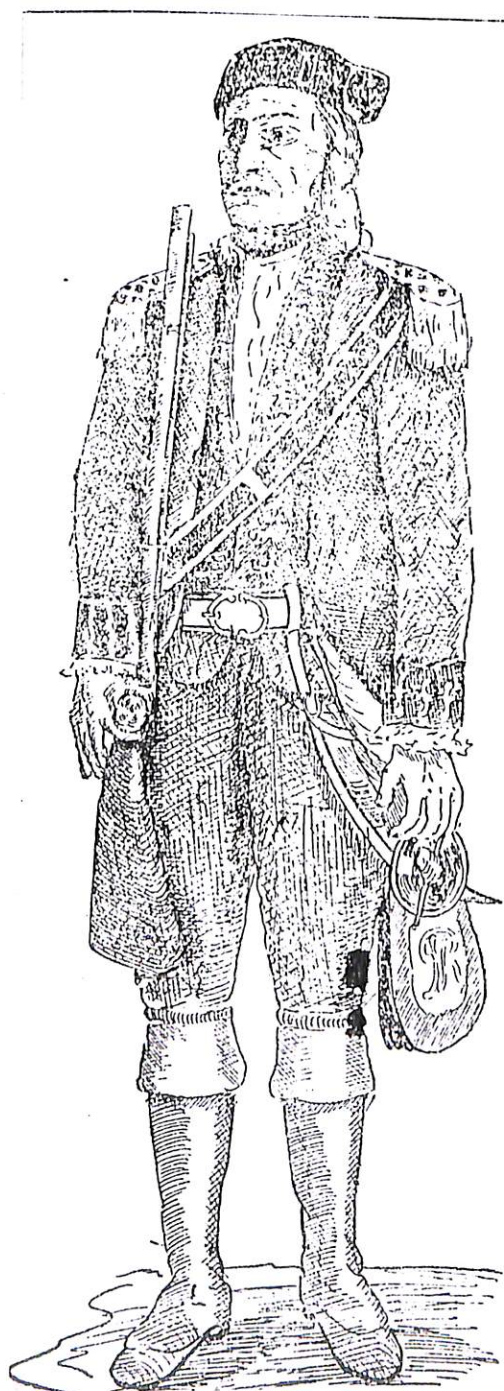


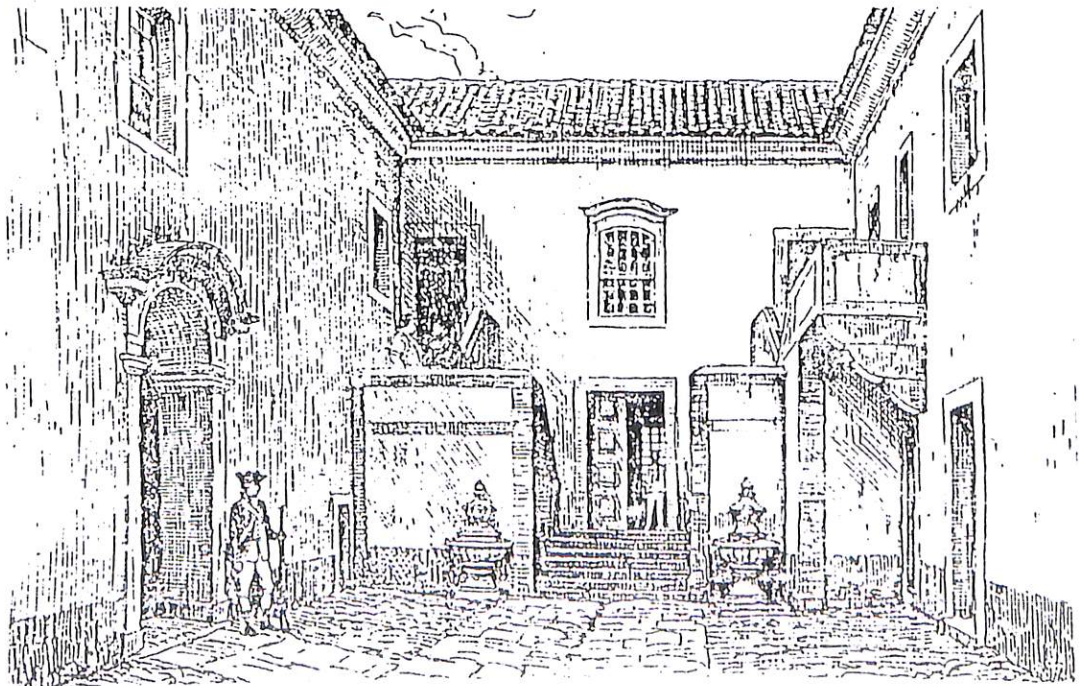
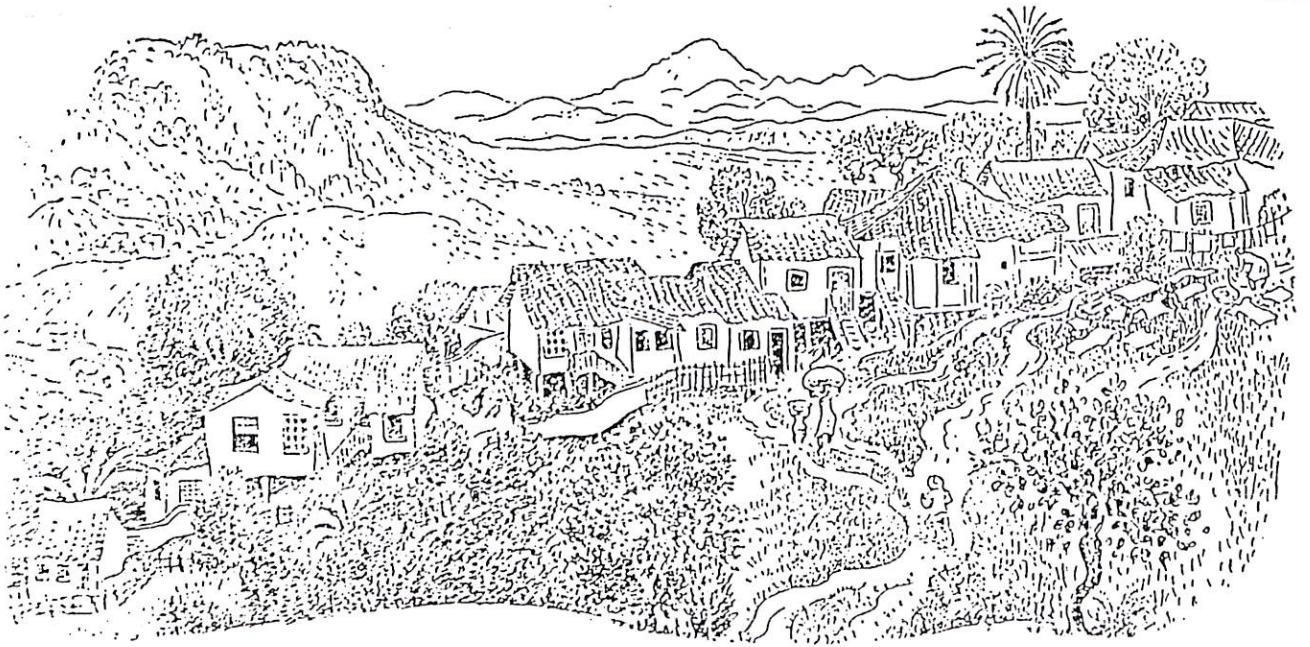


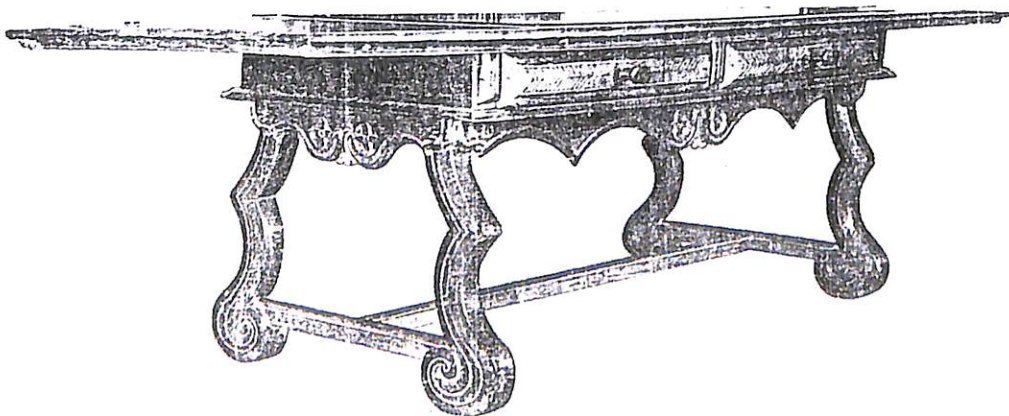
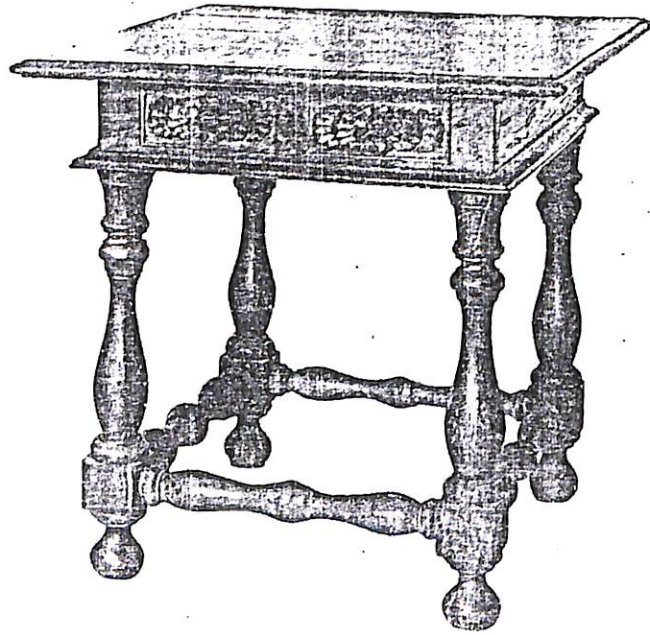
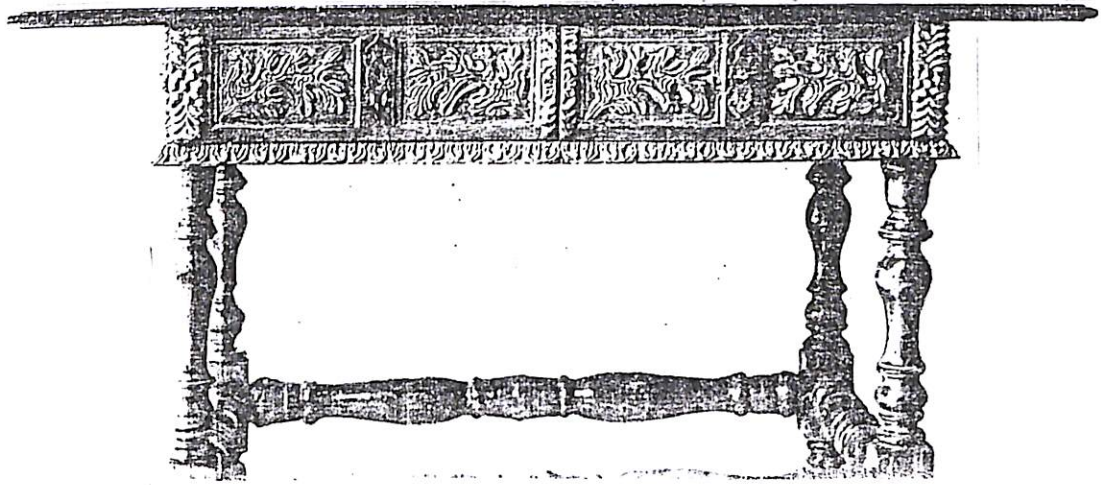


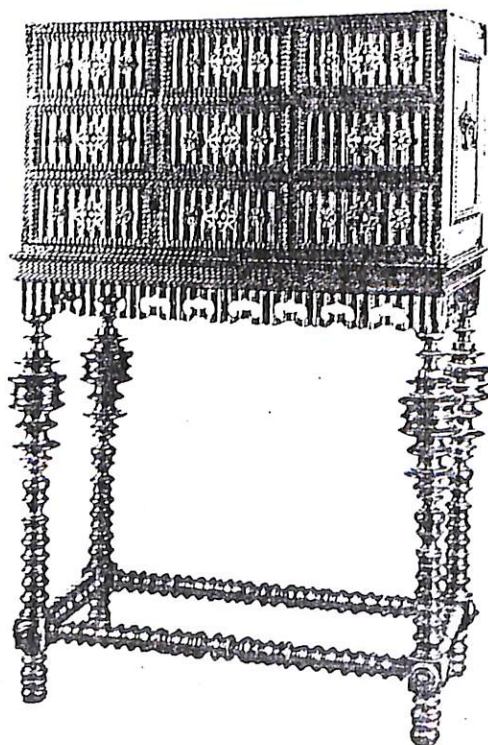


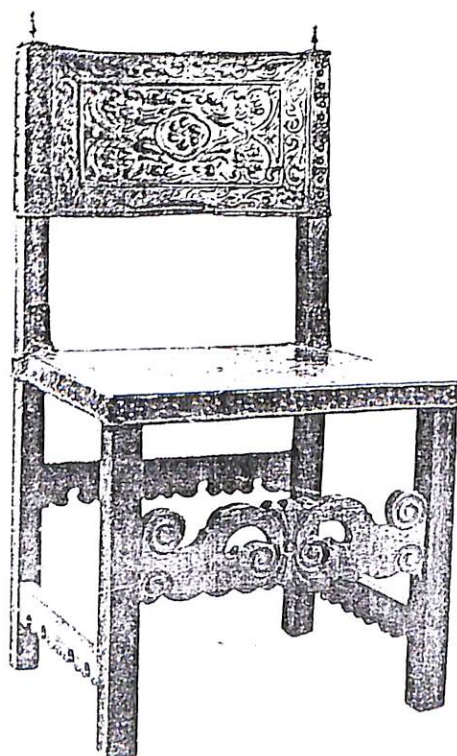
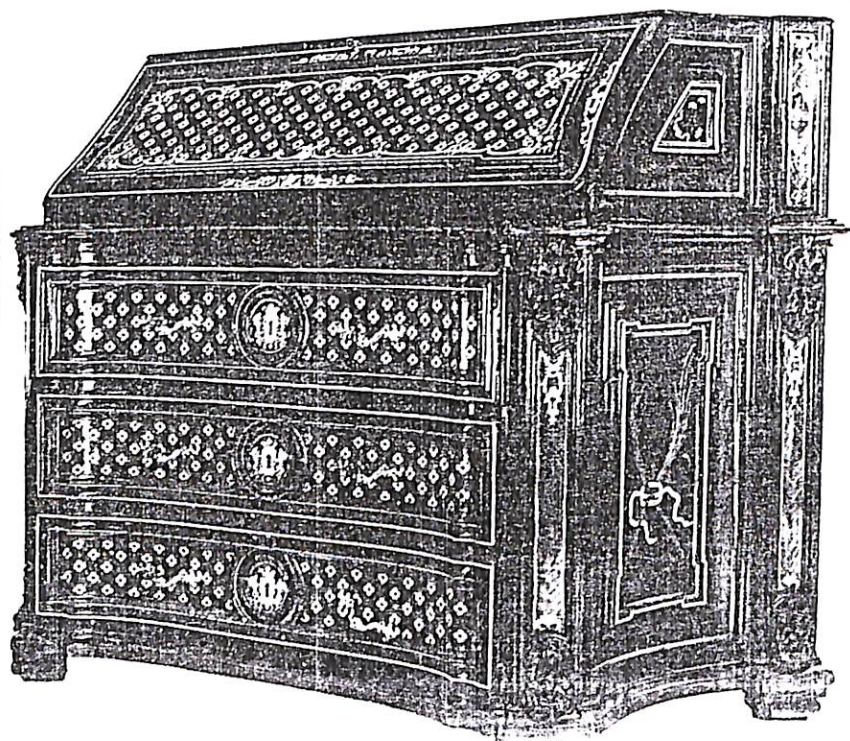


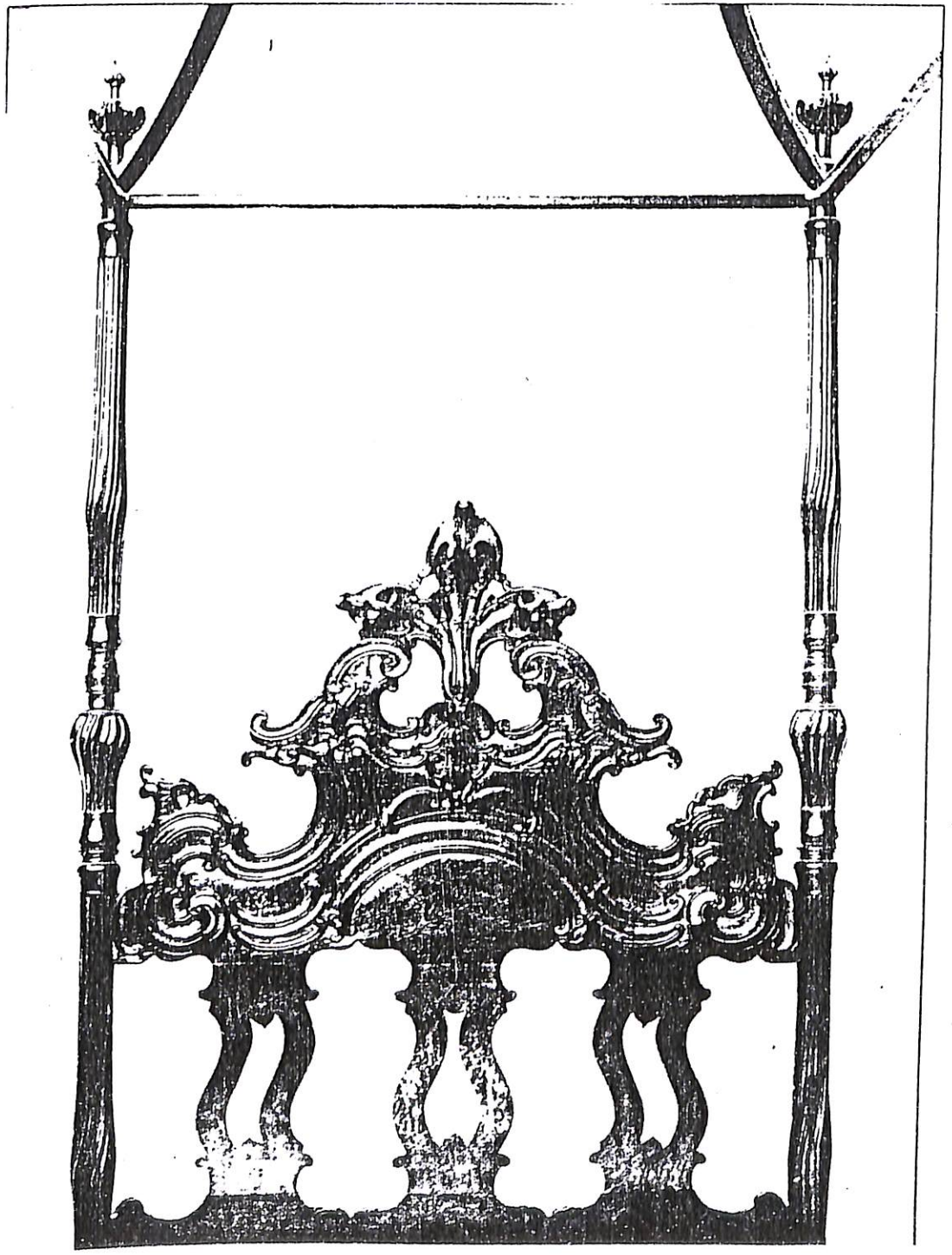






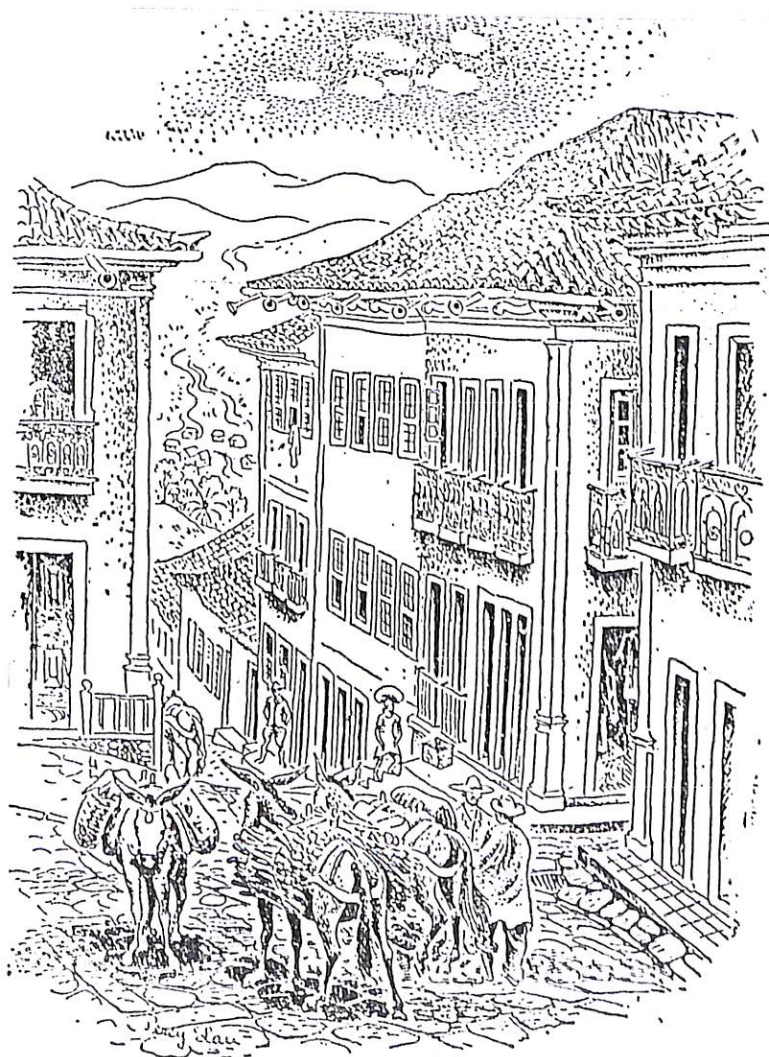


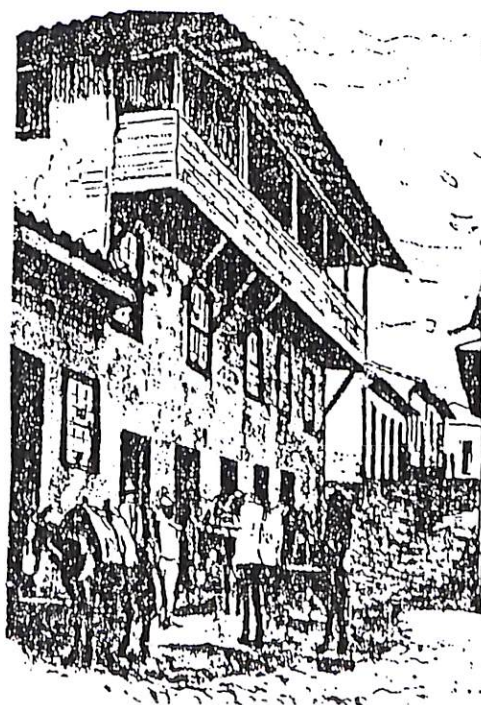


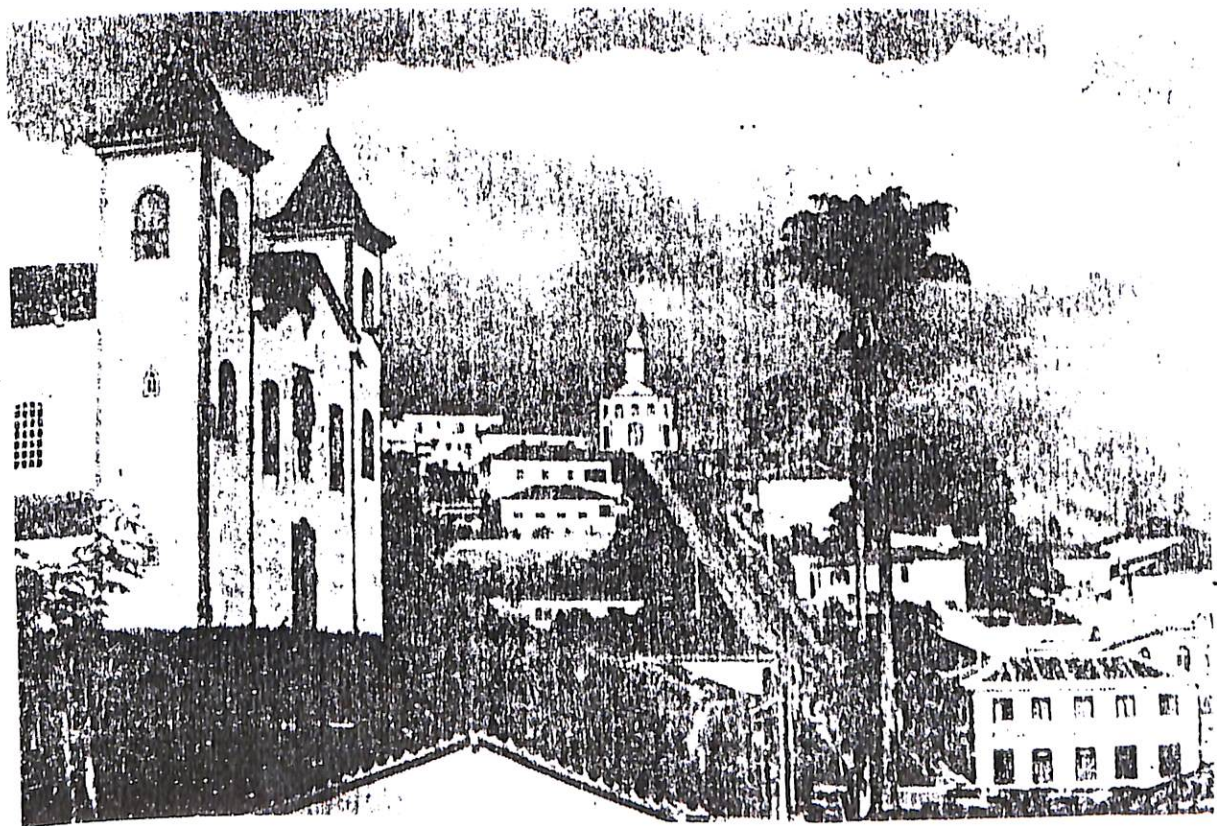


SERRO FRIO

1830

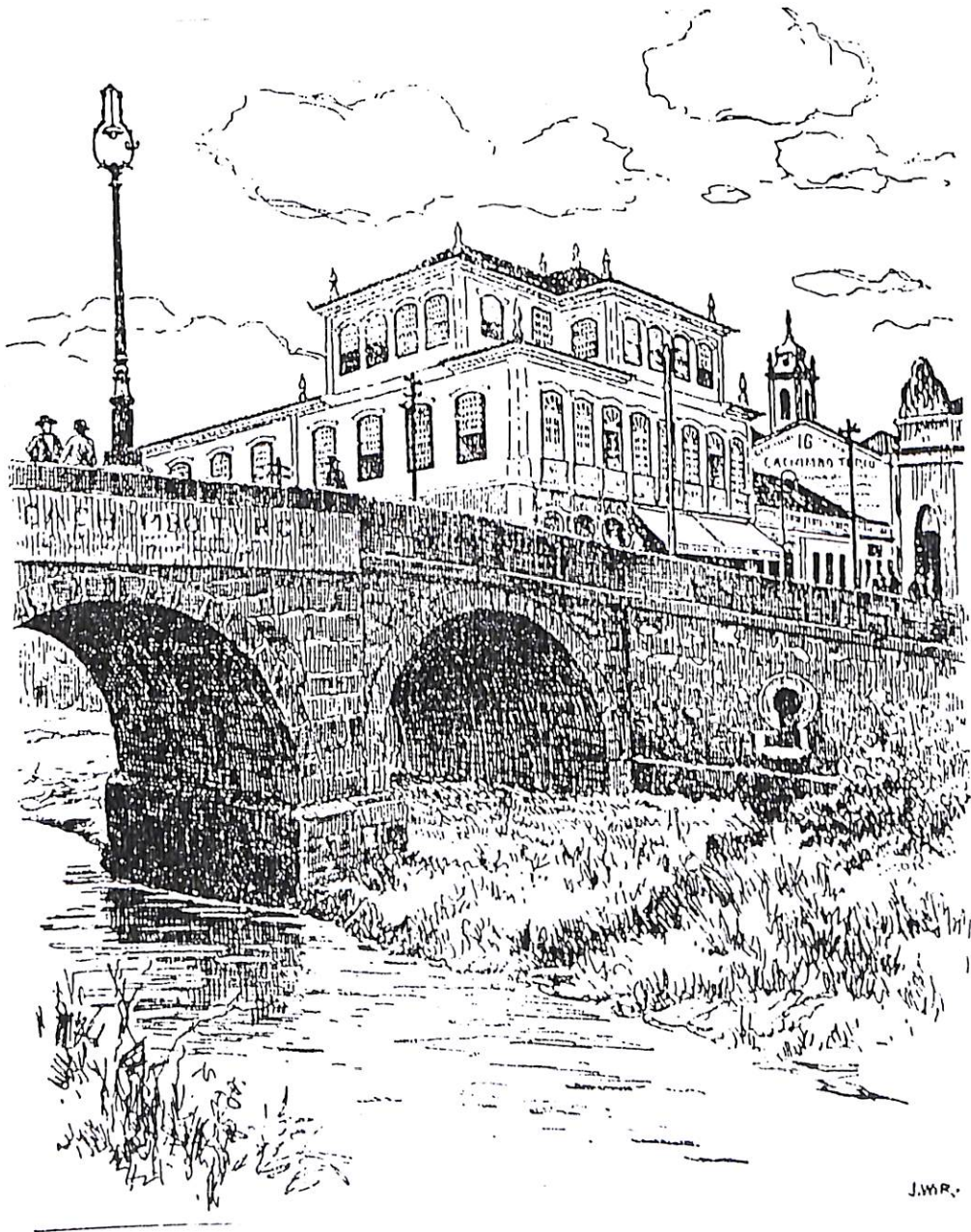


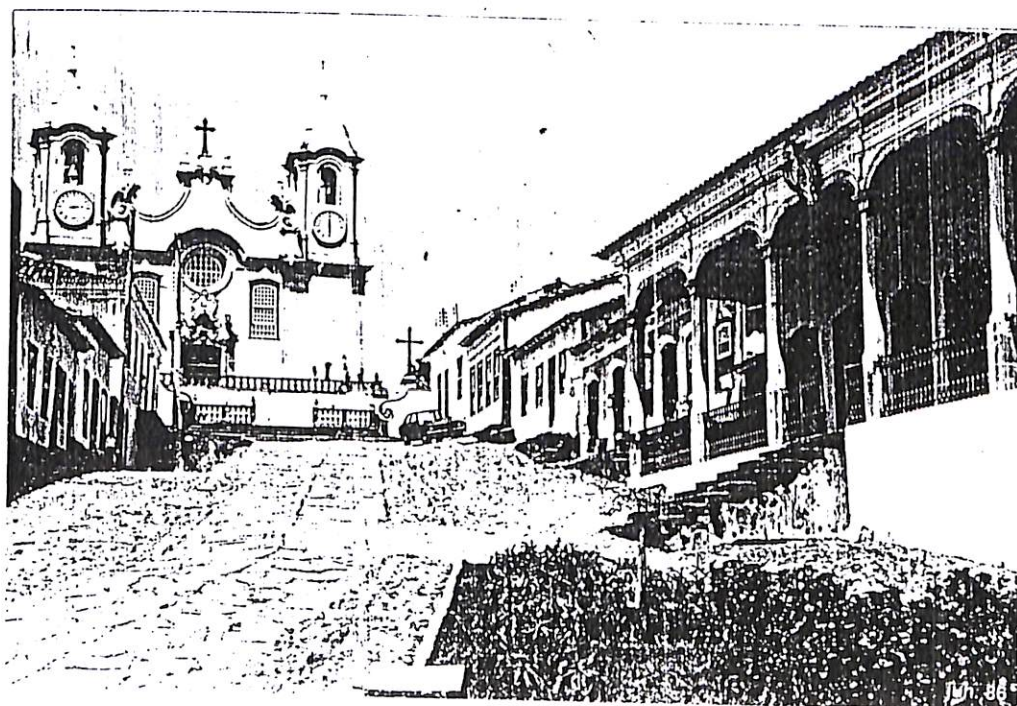




SÃO JOÃO DEL REI

1880







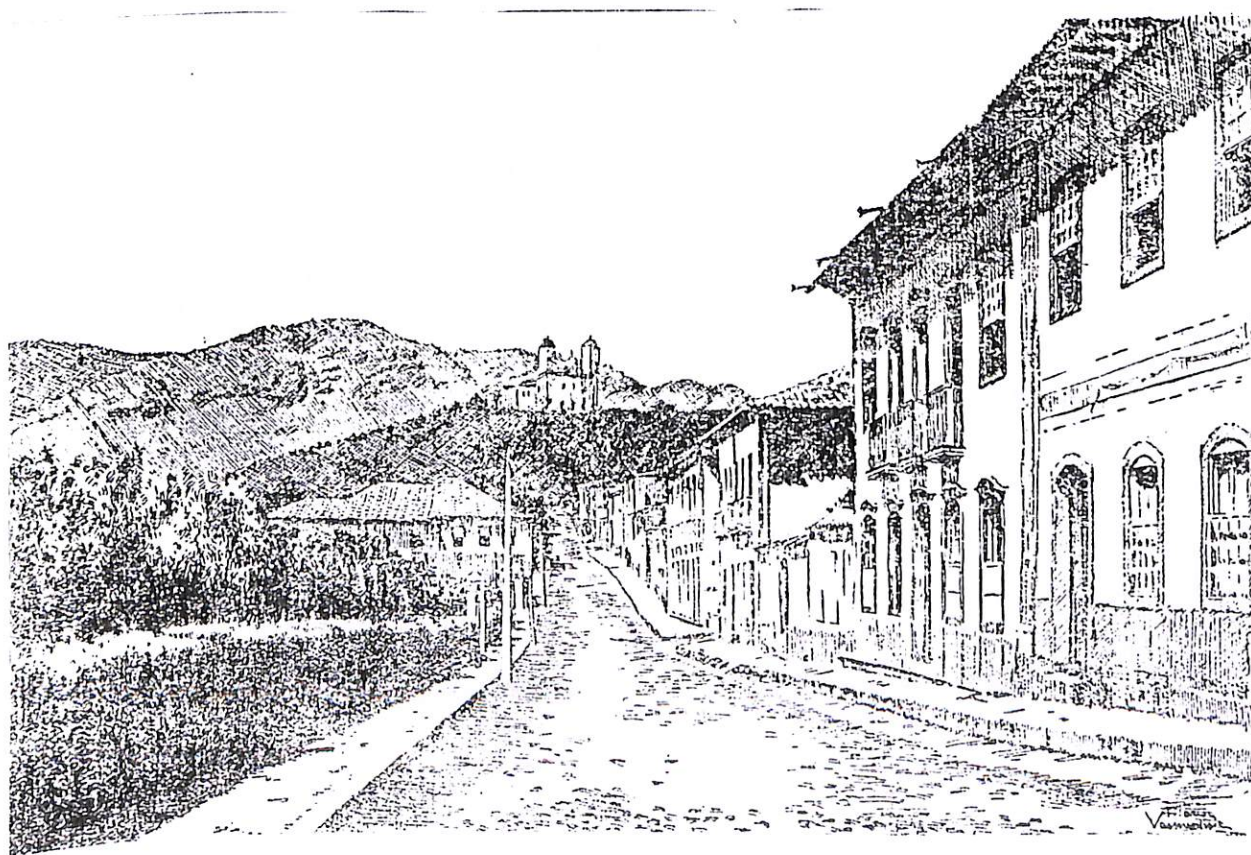


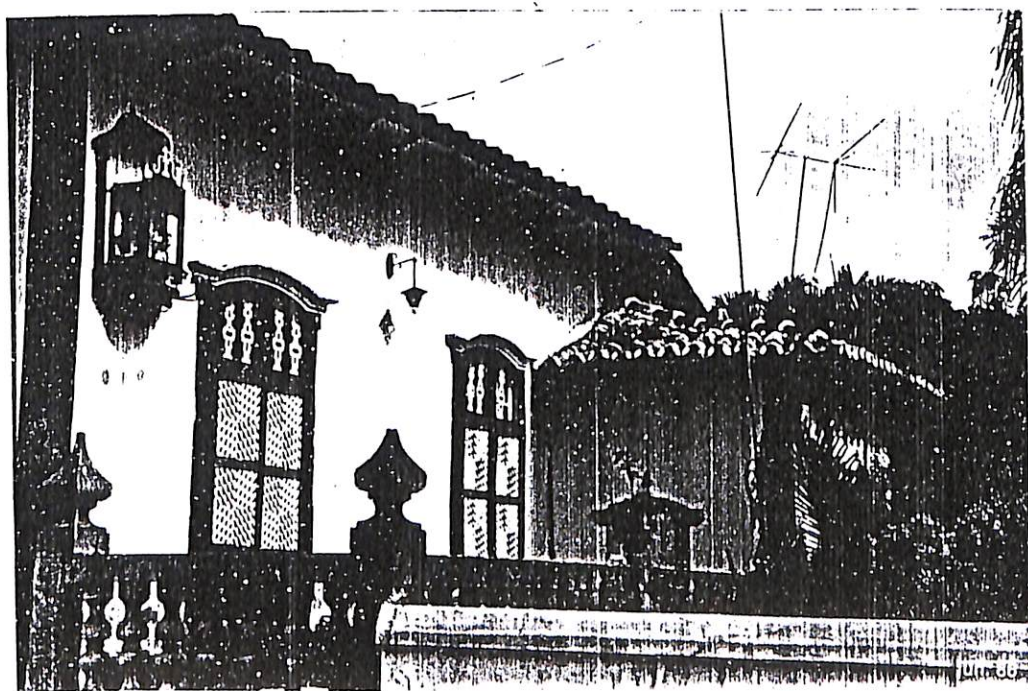


M A R I A N A

1935







O U R O P R E T O

Atualidade

